



Tomar banho no chafariz da praça; descolar um “São Betinho” pra não morrer de fome; dormir sob a marquise, em caixas de papelão, que podem ser incendiadas; desviar das balas perdidas... A vida nas ruas não é nada fácil. Ainda mais pra alguém como Pivetim, que tem um pé no chão, outro no sonho, e da sarjeta olha as estrelas, temendo a hora de virar sujeito-homem.

PIVETIM • DÉLCIO TEOBALDO



BARCO
A VAPOR

Pivetim

Délcio Teobaldo



1 7 3 6 3 8

ISBN 978-85-418-1250-4



9 788541 812504





BARCO
A VAPOR

Pivetim

Délcio Teobaldo



Coordenação editorial: Fabio Weintraub
Preparação: Norma Marinheiro
Revisão: Carla Mello Moreira e Marcia Menin

Edição de arte: Natalia Zapella
Ilustração de capa: Speto
Produção industrial: Alexander Maeda
Impressão: <completar>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Teobaldo, Délcio

Pivetim / Délcio Teobaldo. — 2. ed. — São Paulo: Edições SM,
2015. — (Coleção Barco a Vapor — Série Vermelha)

ISBN: 978-85-418-1250-4

1. Literatura infantojuvenil I. Título. II. Série.

15-10770

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

Grafia conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

1ª edição abril de 2009
2ª edição janeiro de 2016
xª impressão 2020

Todos os direitos reservados à

SM EDUCAÇÃO


Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55


Água Branca 05036-120 São Paulo SP Brasil

Tel. (11) 2111-7400

www.grupo-sm.com/br

*Para M. R. S. e J. C., em cuja companhia
aprendi, humildemente, a lei das ruas.*

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida


#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida


SUMÁRIO

1	caô	11
2	fome	21
3	comuna	25
4	craque quente.....	33
5	pipa voada.....	37
6	são betinho.....	41
7	visto	51
8	engasgo.....	55
9	saudade	57
10	desmonte.....	59
11	saudade dois	61
12	bala perdida	63
13	decisão.....	67

14	berçário	69
15	ah!	71
16	sujeito-homem	75
17	maravilha!.....	77
18	rosas	79
19	negócio	81
20	castanha ou amendoim?	83
21	licença.....	85
22	manos	89
23	cobrança	91
24	<i>brodagem</i>	93
25	febre.....	95
26	limpeza	97
27	limpeza dois	99
28	mano a mano	101
29	<i>defensa</i>	103
30	dia seguinte	109
31	outro dia	111
32	mais um	113

33	outro	115
34	ou... ..	117
35	o muro	119
36	vejo	123
37	busca	125
38	pombos	127
39	busca dois	131
40	tralhas	133
41	gatos	139
42	pernambuco	143
43	barba	147
44	barba dois	149
45	birro	153
46	mariana	157
47	invisível	159

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

● **1**
CAÔ

— ASSÓ, A GENTE FAZ O CERCO. Não tem *caô*, maluco! Confia não? Tô aqui, *mermão*. Limpeza!

A voz da fome falando grosso. Quase gritando. Eu tenho medo. Colo o corpo à parede, sob a marquise. Puxo o papelão pra cobrir as costas. Falta papel. Merda, catei a caixa maior. Não dá pra nada. Vou morrer de frio.

— Tô te falando, maluco...

Tapo os ouvidos. Inútil. A voz vem de baixo. De dentro. Do estômago. Não quero ouvi-la. Nem o trânsito. Ninguém. Pra proteger os pés, dobro os joelhos e os pressiono contra o peito. Como um caracol, um feto. Nessa posição, fico esperando pra nascer com o dia. Que chega inteiro. Como um soco na barriga. O sol todo na cara. Quente. Bom. Anunciando que não adianta se virar pro canto e se esquecer do batente, da vida.

Escuta só: é ela, a vida, chamando no ronco do motor do caminhão da limpeza, que invade, e buzina, e bate, e tritura, e molha, e varre os papelões e jornais que há pouco serviram de cama e de teto, conforto e abrigo. Olho pro lado: as caixas dos conhecidos e

desconhecidos que dividiram a marquise comigo já estão desocupadas. Não tem jeito. Chorar? Vai adiantar o quê?

Quando preciso de respostas, uso a imaginação: se olhar pra esquerda e esticar o braço, sou capaz de riscar uma linha perfeita, que vai daqui até a esquina. Nesse espaço, dividido em três, ou melhor, em cinco ou dez, cabem perfeitamente os quartos dos meus pais, da vó, que mora junto, e dos cinco irmãos. A cozinha? São duas. Uma pro café da manhã e o lanche da tarde (penso na lanchonete), outra pro almoço e a janta (penso no restaurante ao fim da avenida). A praça pública é o quintal. As bancas de revistas, a escola.

— Sai dessa, *mermão!*

A voz da fome sempre devolve meus pés ao chão, mas não quero escutá-la. Ainda guardo na memória a última vez que lhe dei ouvidos. Não faz tanto tempo assim, foi na semana passada. Começou como agora, falando, falando, e, com a fala, o desespero dando nó nas tripas. A fome, quando assume o comando, é assim: mistura razão e sentimento, não separa anjo de arcanjo, como a vó me ensinou. Daí, não pensei duas vezes. Vi de longe o casal vindo pelo canto da praça. Eta gente que não aprende mesmo! Andar na praça, só no meio da rua; à noite, só debaixo da luz.

Pois é, o casal veio vindo pelos cantos, buscando a sombra das árvores. Ela des preocupada, a bolsa cheia, pendurada em um dos braços; ele com a mochila quase caindo dos ombros. Tudo parecia a favor. Olhei em

volta e me preparei pro cerco, geralmente feito por quatro ou cinco moleques. Mas, daquela vez, decidi fazer a *limpa* sozinho.

Num pulo, saltei pro canto mais escuro da praça. Cerquei o casal; um pé lá, outro cá. Na falta de outra arma, apontei um caco de vidro. A mulher se encolheu toda, soltou-se do homem e agarrou-se à bolsa, como uma mãe que protege o filho dos perigos do mundo. O cara sorriu e encarou. Encarou feio. Do alto de meu metro e dez de altura, medrei diante dele. O caco de vidro riscou o ar. Sem ter o que rasgar, escapou de minha mão e caiu longe. Agora ia ser no braço. Estupidez. Ginguei, ginguei. O cara me socou de jeito. Foi como se, de um golpe, o céu me caísse na cabeça. Só que bem mais forte, com mais ódio.

Foi na cara, no olho, maluco! Acordei no sufoco, com um monte de gente sobre mim, sem ninguém pra dar uma força, um socorro. Todo mundo só no chute, no xingo, na escarrada. Escapei graças à esper-teza do Que Fedor, o mendigo a quem todos respeitavam aqui. Ele entrou na roda, afastou meio mundo com suas roupas, seus trapos, traques e tralhas. Olhou feio, pegou e me tirou de lá, antes que a polícia viesse com perguntação. Passei a noite longe do meu lugar de todo dia. Pra dizer a verdade, nem sei aonde me levaram. Dormi com gosto de sangue na boca. O que aliviou a fome, não nego.

De manhã, voltei à luta. No espelho d'água da praça, vi o estrago na cara. De cima pra baixo. É como dói

mais. Vai me deixar fora da comuna por mais de uma semana. Aí compreendi a bronca do Que Fedor:

— Não se mete nessa, você é *de menor*. Teu vacilo pega mal pra gente.

A lei da rua é ensinada e aprendida na marra, no soco, no pontapé. Quem não quer apanhar ouve os jurássicos. Não precisa ser velho, basta ser experiente. Por isso não escuto muito minha fome. Ela nasceu comigo, tem minha idade, é otária. Sempre me mete em enrascada. Esse soco na cara foi mais uma que ela armou pra mim.

Na verdade, na *responso* mesmo, sou novo no pedaço. Estou na rua há apenas quatro... Cinco? Não sei direito, não conto os anos. A escolha é em parte minha, coisas da vida. Depois que a mana cismou de trazer o namorado pra morar com a gente, não deu mais pra dividir o barraco com minha mãe, meu pai e mais quatro irmãos. Ah, ainda tinha a vó, com aquela tosse que não deixava ninguém dormir.

Nasci num barraco cercado por outros quatro. Ter vindo ao mundo assim me deixou sem muito espaço. Antes de mim, alguém já tinha chorado naquela casa; meu choro foi só mais um. Alguém certamente já havia gargalhado ali. Eu vestia roupas que não serviam nos outros e, quando queria colo, tinha que entrar na fila. Até onde sei, nasci e vivi no esbarro.

Por isso não culpo minha irmã por ser mais velha, mais espaçosa e por se julgar no direito de chegar em casa cheia de não me toques, como se tivesse o rei na barriga. Reclamou, ameaçou e ganhou uma cama só

pra ela. Meu pai e minha mãe, cada vez mais tristes. A barriga dela crescendo. Eu olhava, tentava entender, não conseguia.

Tudo piorou no dia em que resolveram vender a tevê pra ajudar a pagar as contas de casa. Merda! Quando o dono do boteco veio pegar o aparelho, lembro que tava passando um filme bonito na *Sessão da Tarde*. Tava bem naquela cena da moça barriguda com a família feliz da vida, o marido (ou namorado, sei lá!) dando beijinhos na barrigona. Eu tava a ponto de chorar quando seu João Nestor entrou, puxou o fio, tirou o plugue da tomada, enfiou o controle remoto no bolso e saiu do barraco. Sobre a mesa vazia, o dinheiro amassado. A mãe e o pai não quiseram olhar pra gente. Choravam, eu vi. Minha irmã, no canto, socava a barriga com força. Muita força contra o que tinha lá dentro.

Esta é minha família.

Sem tevê, nossa vida, de ruim que era, ficou péssima. Quando a fome invadia a casa, a tevê ajudava a segurar o tranco. A gente já acordava com o barulho; a luz azul colorindo, enchendo o barraco. Cedinho, quando é a hora da moça da tevê preparar o café da manhã ou de ensinar a fazer comida gostosa, nossos olhos comiam a tela. Minha vó brincava dizendo que, se fechasse os olhos e desejasse com força, conseguiria até sentir o cheiro da comida. “Criança come com os olhos”, garantia. Bem que a gente tentava.

Depois da comilança, vinha a falação das brincadeiras, das alegrias, das tristezas, das festas, da

felicidade. Tudo saindo lá de dentro. Minha mãe falava que a tevê era uma janela. A vó dizia o mesmo, em forma de adivinha:

— Quem mistura alhos com bugalhos?

Nós todos:

— Os pirralhos!

— Quem espanta os espantalhos?

— Os pirralhos!

— O que vê tudo e nada vê?

— A tevê!

Sinto falta delas. Da tevê e da minha vó.

Pequena, fraquinha e sempre tossindo. Uma vez por mês, saía cedo de casa. Quando voltava, com minha mãe ou minha irmã, trazia sacolas de compras. Meu biscoito sempre estava lá, de chocolate ou de morango. E também a caixinha de leite, que deveria durar três dias, carne de frango e, de vez em quando, de boi (carne vermelha, que, chiando na panela, cheirava longe e que mamãe cozinhava tarde da noite, com a tampa bem fechada, pra vizinhança não invejar). Por essas e outras, logo entendi por que minha vó se chamava Felicidade. Felicidade Franca dos Prazeres. Ela gostava de falar o nome completo quando era apresentada a alguém.

Eu ainda a vejo deitada no colchão, perto do armário, sempre tossindo, mal se aguentando sobre os cambitos. Dava pena. Era ela quem trazia a alegria, ou melhor, a comida pra casa. Comida, amizade, alegria e felicidade são uma coisa só — isso eu aprendi rápido. Na época do Natal, então, a felicidade lá em casa

era total, incluía até a vizinhança. Tratavam minha vó com tanto zelo que ela até estranhava:

— Quando a esmola é muita, o santo desconfia.

Bobagem, no fundo gostava do carinho e do dengo.

Ela era nossa comida, nosso Papai Noel e o sorriso branco no rosto de minha mãe. Tudo era tão bom, tão quente, apesar da chuva que de vez em quando obrigava a gente a correr no meio da noite, sem saber bem de quem, do quê nem pra onde. Meu pai esquecia os filhos, sempre salvava primeiro minha vó e sua bolsa misteriosa.

Verdade. Isto também aprendi: se a felicidade existe, ela se esconde nas bolsas. Minha vó era prova do que estou dizendo; sua bolsa, de tão preciosa, servia até de travesseiro. E travesseiro, ela me ensinou, afofa o sono e faz sonhar gostoso. Devia saber muito bem do que estava falando. Deitada, abraçada à bolsa, muitas noites eu a vi sorrindo feliz. Por quê? Não adiantava perguntar. Ela mastigava a alegria com a boca de poucos dentes e, caso a gente insistisse, franzia a testa, trancava o rosto. Como porta de casa velha e abandonada.

Cresci sabendo que aquela bolsa cheia de papéis amarelados, amarrotados era mais importante que tudo naquela casa. Bolsa mágica. Nela, minha vó guardava a sete chaves o segredo do amor entre as pessoas da família e entre as do morro também. Pena que, depois que minha irmã deixou a barriga crescer e trouxe o namorado pra morar conosco, a casa ficou

pequena demais. Tão pequena que a gente passou a se esbarrar direto.

Pele só esbarra em pele se for do gosto dos dois, mas, lá em casa, não era assim. Quem ia daqui pra lá levava raiva, quem vinha de lá pra cá trazia ódio. Pra virar sangue era questão de dias. Sem tevê, nem a bolsa da vó daria jeito.

Uma noite, sem o que fazer, meu cunhado — sujeito alto, pouco falante e chegado a um perfume que queima o nariz e vira o estômago — me pediu pra pegar a bolsa da vó. Em troca, ele me daria doces. Quis ver antes o doce, ele mostrou. Era doce de leite, ali, fácil, ao alcance da mão.

— Fechado! — eu disse.

Por causa do calor, meus pais tomavam a fresca fora do barraco. Era sábado, tinha pagode. Os homens bebiam e assavam carne na brasa. Limpeza. Com aquele sorriso incompleto, minha vó, bolsa a tiracolo, andava de lá pra cá, de cá pra lá. Coitadinha, fazer o quê? O doce de leite era real; a bolsa, apenas um mistério. Entre isso e aquilo, aceitei o desafio de enrolar a velha pro meu cunhado.

— Sem porrada, falou?

— Chega junto?

— É pra já.

Foi fácil. Vovó me amava mais que aos outros netos. Ofereci meu abraço, ela aceitou. Mas o vacilo custou caro: meu cunhado deu o bote, pegou a bolsa e sumiu na noite. Pra nunca mais voltar.


Vovó não me culpou de nada. Nem podia. O abraço foi sincero, mas não o propósito. No mês seguinte, as sacolas de compra não chegaram com biscoitos, leite ou carne. Nada. Em vez de se amar, como faziam cada trinta dias, meus pais passaram a se bater. Minha vó, num canto, parecia mais murcha que antes. Não tinha disposição nem dinheiro pra tirar segunda via de documento nenhum. Como desgraça pouca é bobagem, agora, além da fraqueza, da perda e da dor, a ingratidão e o abandono tomaram conta dela. Foi chamada de velha esclerosada.


— O que é esclerosada? — eu quis saber. Levei um tapa na boca que dói até hoje.

Depois disso, lembro que minha vó andava pelos cantos chorando que nem criança. Xingava. Não falava coisa com coisa, só palavras soltas como “ladrão”, “cartão”, “pensão”, “instituto”. “Esclerosada” e “instituto”. Durante muito tempo essas duas palavras cismaram em minha cabeça.

Certa manhã, minha irmã desceu o morro e se enfiou num carro velho, que meu cunhado exibia como novo. Sumiram no mundo. Naquela noite choveu forte. Minha vó se deixou ficar no colchão molhado, sem tosse nem resmungo. No dia seguinte, a sirene da ambulância uivou lá embaixo. Curiosos se ajuntaram. Os de branco perguntaram, subiram, avaliaram e condenaram. Então levaram dona Felicidade Franca dos Prazeres.

Nunca mais a vi.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

● 2

FOME

EU TINHA SÓ OITO ANOS, mas já via o mundo do meu jeito. Se quero, corro atrás; se corro atrás, encontro. É a lei daqui e de lá. Uma vez, perguntei a minha mãe o que havia de tão diferente lá embaixo, além do morro. Ela não soube responder. Meu pai nunca estava perto o bastante pra ouvir essas perguntas. Meu irmão mais velho sabia menos que eu. Numa noite, quando fomos pra cama sem comer, minha mãe falou pra gente fazer cruz na boca se a vontade pintasse. Foi aí que, pela primeira vez, a fome falou comigo.

A barriga roncou — uma, duas, muitas vezes. Ronco alto, baixo, como a voz de alguém morrendo. Doe. No começo, achei que fosse brincadeira do meu cunhado, que adorava zoação e bem podia falar daquele jeito. Era mesmo o jeito dele — um jeito de falar esquisito, que vó Felicidade, meu pai e minha mãe odiavam, mas a mana amava de paixão. A noite toda aquela voz ficou ali, no meu ouvido:

— Olha só, olha só...

Falava e repetia. Eu olhava e não via nada.

— Olha só, olha só...

Ficou repetindo. E a fome me devorando por dentro.

— Olha só, *lhassó, assó, assó...*

Por causa da fome tive febre. No delírio, a voz me mandava olhar o que eu não via, fazer o que eu não queria, pensar o que eu não sabia. No hospital, me deram soro, sopa com pão e refresco de caju. Adorei. Deixei o corpo ficar mole pra ganhar mais carinho da enfermeira. Com a barriga cheia, a voz sumiu. Devia ser ziguizira de fome mesmo, como a vizinha tinha falado pra minha mãe. Merda, voltei pra casa a contragosto!

Desde esse dia, a vizinhança, a rapaziada, os moleques começaram a me olhar torto. Só que, em vez de me maltratar, me adulavam. Ora, quem entende as pessoas? Passaram mesmo a deixar pão e leite na porta do nosso barraco, com a recomendação de que a maior parte da comida fosse dada pra mim. Gostei disso.

Numa sexta-feira, minha mãe disse que a gente ia a certo lugar pra eu falar daquela voz.

— Era a fome, mãe — teimei.

Ela não aceitou. Pegamos dois lotações pra chegar numa casa enfiada entre as árvores, num morro onde não tinha mais nada. Minha mãe entrou devagar e falou baixinho, como nunca fazia lá em casa. Uma velha magrinha (que me lembrou a vó e quase me fez chorar) apareceu à porta. Usava um vestido branco rodado e cheirava a folhas, e me abraçou contra o peito. Entramos num quarto iluminado por velas. Ela sentou na minha frente e pediu pra eu falar da voz. Falei. Ela escutou, balançou a cabeça e fez *hum-hum*.


Voltamos pra casa em silêncio. Na noite seguinte, minha mãe desceu o morro. Entramos num salão enorme, de paredes muito altas. Como eu era pequeno, minha cabeça batia na cintura das pessoas, que gritavam com as mãos levantadas:


— Bem pra cima! Mais alto! Pra cima!

Um muro só de corpos, de meter medo. Lá na frente, um homem de terno e gravata me pegou pelas mãos, me pôs no colo, apertou minha cabeça e me deitou no chão. Visto de baixo, ele me pareceu do tamanho de Deus, de quem me haviam ensinado a ter medo. Toda vez que apanho ou corro dos *home* me lembro disso.

— Fé não mata a fome, não, *mermão*! — gritou Que Fedor, bronqueado.

Vou dar um tempo da rua. É a lei. Por isso tô sentado aqui na praça, a cabeça voando longe. Amanhã saio do castigo. Da *encolha*, como se diz. Vai ver foi por isso que a fome acordou tão cedo pra me chatear. Será que a otária não conhece a lei das ruas?

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

● 3

COMUNA

VACILEI UMA VEZ e não posso mais correr o risco de botar a comuna em perigo. É preciso ouvir os mais espertos. Que Fedor é um que sabe muito. Carol é outra; Bala Perdida também. Ah, ainda tem o Dimba, e quase me esqueci do Maravilha. Acho que todos devem ter uns dez, doze anos, e andamos juntos a maior parte do tempo.

Bala Perdida e Dimba não são gente boa, vivem metidos em confusão. De vez em quando, a polícia faz um rolo com eles. Dão um tempo no distrito, um sumiço. Depois aparecem como quem volta de um passeio. Que Fedor sempre diz que devemos ficar longe deles. São olheiros. Pergunto o que é isso. Caguete.

— ?!

Sempre ouço dos mais espertos que, com o tempo, vou saber diferenciar. Pago pra ver! Noite passada, por exemplo, eles voltaram de um sumiço e passaram pelas marquises com tênis de marca e casacão de frio. Quem viu se virou, fez *psiu* e disse pra ficarmos na nossa. Mas eles são folgados: levantaram as caixas de papelão conferindo tudo, só pra ver quem tava

debaixo. Ninguém dormiu, porque correu o papo que ia rolar *churrasca*. *Sá comé?*

Churrasca é a pior maldade, a que mete mais medo em quem mora na rua. *Churrasca* é quando jogam gasolina sobre as caixas de papelão e tacam fogo sem avisar. É quando se morre dormindo, feito anjo ou diabo, gritando no inferno. Nunca vi uma *churrasca* e espero não ver. Mesmo assim, a gente se defende. Desse jeito, ó: se quero armar minha cama de papelão aqui, antes dela, sempre armo uma cama falsa e boto jornal dentro pra parecer que tem gente deitada. Assim, se tacarem fogo, tenho tempo de correr. Pelo menos é o que a comuna toda diz. Mas... e se acenderem o pavio de uma garrafa com gasolina e jogarem na gente como bomba? Vi isso na televisão, num filme de guerra. Ninguém escapou.

Que eu me lembre, o truque da caixa falsa só funcionou no dia que a polícia estava caçando um bandidão e passou de marquise em marquise quebrando as caixas a porrete sem ligar pro que tinha dentro. A porrada comeu feio. Enquanto quebravam a caixa falsa ao meu lado, caí fora. Além da sorte, é claro, valeu o aviso de Dimba e Bala Perdida, que sempre ficam sabendo das coisas primeiro. Eles ficam nessa de caguete só por uma ou duas semanas, depois vão se virar como qualquer um de nós.

Já Maravilha merece o nome que tem. Carinha bom de jogo. Contam que os pais dele moram bem, num lugar longe daqui. Um dia, vieram conhecer a

cidade, fazer compras no *shopping*, compras de fim de ano. Foi quando o destino resolveu armar uma pro Maravilha.

Numa daquelas confusões de gente e sacolas de presentes, sua mão se soltou da da mãe. Ele tentou encontrar o carro do pai no estacionamento, mas a história não convenceu o guarda. Com medo, escondeu-se num canto. Naquela mesma noite foi adotado por uma mulher da comuna. Saiu andando com ela. Vendeu bala e limão no sinal. Pediu esmola pra garantir proteção e comida. Tá na viração até hoje.

Tem muita gente que duvida dessa história, estranhando o fato de os pais do Maravilha não terem feito de tudo para encontrá-lo. Acham que, no fundo, Maravilha é fodido como nós e se ilude com essa história de família cheia da grana, imaginando que um dia seu pai vai chegar no carro vermelho, que ele chamava de *The Flash*, para levá-lo pra perto da mãe e da irmã. Ao mesmo tempo, é muito fácil gostar do Maravilha, ele é o tipo de menino que todo mundo quer como filho. Deve ser assim porque ele tem esperança.

Não entendo a comuna. Aqui, quem tem esperança, em vez de atrair, afasta. Das duas, uma: ou gostam tanto de nós que não querem que a gente cresça e vá embora, ou amor, aqui, quando existe é só na desgraça. Sei não.

Carol é outra que tem esperança, mas não fica, como Maravilha, querendo que a felicidade caia do céu. Pra ela, felicidade se pega à unha, aqui e agora.

Carol me ensina muito. Veio pra rua na mesma época que eu, por um motivo do qual evita falar. Morar na rua é complicado pras meninas.

Mas não saquei logo de cara que ela era menina. Sempre jogou bola, pediu esmola e batalhou rango com a gente. Como qualquer um de nós. Ela se vestia e falava como moleque; um moleque muito estranho.

No frio, nunca se apertava debaixo do papelão como todo mundo. No calor, só se banhava no chafariz da praça na escuridão da noite.

E aquele boné enebado na cabeça, que mais parecia o chapéu do Que Fedor? Havia algo de errado, a gente bem que desconfiava, e ninguém se atrevia a perguntar o que era. Mas Carol crescia, e seu cheiro de moça despertava a atenção da comuna. Em pouco tempo, ela se tornou a mais protegida de todas as moças. Carol sabia disso. Como também sabia que uma hora teria que pagar pela proteção. É a lei. Naquela altura, Carol valia seu peso em ouro. Valia, não vale mais.

Uma vez, Carol teve que se virar até muito tarde pra ganhar o dia. Chegou de madrugada. Maravilha já tinha descolado a caixa de papelão e feito a cama dela, de frente para aquele edifício envidraçado. Aquele azul e dourado, que ela adorava. Como eu disse, ela chegou tarde, passou pela marquise e conferiu onde ia dormir. Fazia muito calor. Ela pulou a grade da praça e mergulhou de roupa e tudo no chafariz. A água devia estar morna e limpa, porque o pessoal da prefeitura tinha passado o dia todo ajeitando o chafariz.

Vi quando Carol entrou na água. Vi também quando Dimba e Bala Perdida pularam o portão. Além disso, a lei das ruas não me permite ver, nem ouvir, nem dizer mais nada. Como aconteceu hoje cedo, naquela manhã, acordei e olhei pro lado. A cama de papelão da Carol estava lá, como a deixamos. A comuna se esvaziou e o medo cresceu a olhos vistos, mais alto que a sombra dos prédios. Montamos vigília dias e dias nas bancas de jornal. Maravilha sabia ler e me ensinava um pouco, mas eu não queria letras, queria uma foto dela. Nem que fosse pela última vez, queria ver seu rosto, triste talvez, machucado, irreconhecível sob a tarja nos olhos. Que fosse. Queria apenas ver seu rosto. Como quando ela acordava ao lado da gente e olhava o prédio de vidro, aquele lá, refletindo toda a luz sobre ela. Eu amava Carol em silêncio. Aliás, é como a gente deve sentir tudo por aqui. É a lei.

— Já falei... Sai dessa, *mermão!*

Saco! Hoje a fome resolveu não me dar folga. Aquele soco na cara ainda dói um pouco. Pra evitar que a polícia perguntasse o que houve, fiquei escondido esse tempo todo. Conselho do Bala Perdida, que conhece bem os caminhos e descaminhos das ruas. Ele e Dimba me deram abrigo e comida. Traziam as caixas de papelão do tamanho certo pra me esconder durante o dia e à noite. Olho roxo ou cheiro de sangue são isca para a polícia e o juizado. Quem não aprende a engolir o sangue da porrada ou a disfarçar sua marca pode sumir pra sempre. Na verdade, nossa força é a covardia. Nossa maior proteção é o medo.

Dimba me falou de sua experiência nas ruas. Não se largou pelo mundo e caiu aqui, como eu, nem foi perdido, como Maravilha. Seu pai e sua mãe nasceram e se criaram nas comunas. Daí se juntaram e fizeram Dimba. O moleque é filho da zorra. Não faz ideia do que seja um barraco, uma casa. Muito menos janela, porta, parede ou teto. Se a janela cria no olho a vontade de sonhar, ele não sonha. Se a porta impõe respeito, ele não respeita. Se as paredes e o teto demarcam nosso lugar no mundo, ele não tem lugar. Chama isso de liberdade. Então, pra se proteger e proteger o que é seu, ele agride. Estupra. Cheira cola.

Dimba diz que, pra afastar as pessoas e garantir a liberdade, basta uma lata de cola na mão; nem é preciso cheirar. Ele vai aonde desejar e volta quando e como quiser. “Como um ateu atravessando o rio Jordão”, Dimba sempre fala, pra contrariar os caras que ficam no meio da rua, com a Bíblia na mão, se esgoelando contra os ateus (que, segundo esses pastores, nunca serão salvos, jamais entrarão no Jordão).

Não entendo direito, mas é bonito ver a gente passando, num arrastão de dez ou mais moleques, todos segurando uma latinha de cola, e as pessoas abrindo alas. Um bando de ateus atravessando o Jordão na marra.

— Dimba tem só treze anos, mas aparenta ter trinta e um — insiste Que Fedor.

Eles se entendem e já ouvi alguém da comuna contar que, mais que amigos, eles são pai e filho. Quem duvida? Há perguntas que a gente sufoca no fundo da

boca, melhor que morram ali. É como querer saber o que aconteceu com Carol naquela noite. Dimba me ajudou, devo uma a ele. Sei que vai cobrar e espero que o preço não seja alto. No mais, somos crianças e tanto o ódio como a dor vêm, marcam, mas poupam o coração da gente. Quero guardar de Dimba e de Bala Perdida o pão dividido todas as noites, a quentinha rachada meio a meio e o modo como seguravam a barra quando eu precisava deixar o abrigo pra fazer xixi, cocô ou tomar banho no chafariz da praça. Nessas horas, o medo me protegia.

A lata de cola na mão desviava a curiosidade da minha cara. Prestando atenção só à lata, ninguém reparava no sangue pisado no meu olho. Meus passos de bêbado fingido me levavam e me traziam em segurança. Felizmente, o olho sarou, mas parece que fiquei de molho uma eternidade. Por isso, logo que acordei, vim até a praça onde tudo aconteceu. É sempre bom voltar à cena do crime pra aprender a não errar mais (ou pra ser preso e pagar dobrado). Tô pronto pruma nova tentativa. Quem se habilita? A voz da fome parece responder:

— *Assó*, a gente faz o cerco. Sem *caô*, maluco! Confia não? Tô aqui, *mermão*. Limpeza!

E não é que ela diz a verdade? Olha lá os da terceira idade dando mole, descansando no banco atrás da alameda. Ninguém avisou que ali é nosso ponto? É só descer por aquele lado, se enfiar entre as plantas e tchau bolsa, relógio e o que mais couber na mão. Nunca vi dar tanto mole. *Assó*. Deixaram a bolsa e um

envelope amarelo de lado. Talvez seja o dinheiro da pensão, como aquele que minha vó Felicidade sacava todo mês. Eu aqui, com uma fome desgraçada, esperando o restaurante abrir pra filar boia, e aqueles dois me dando de bandeja um mês de pura tranquilidade. Fiquei só no desejo. Que Fedor sacou de longe, chegou junto. Falou pouco e bem:

— Tu me deve uma e já tô cobrando. Aqui só se erra uma vez.

Ouvi e saí batido. Bala Perdida e Maravilha vieram junto. Ter meus amigos ao lado é tudo. Vadiar ou zoar? Zoar. Ninguém escapava da zoação: passar a mão na bunda das minas, dar cascudos nos filhinhos de papai, fazer careta pro guarda, fingir que tá morrendo de tanto cheirar cola, mostrar o rabo no sinal.

Meninos de quinze anos com aparência de dez, com a vida inteira pela frente, desde que as leis da comuna fossem obedecidas. Acha que menino de rua pode ir aonde bem entende? Isso é pra moscas, pardais, pompos e gatos. Pra gente, não.

Em cada esquina há um risco, entre as quadras há fronteiras. Até saber disso, achava que Centro e Zona Sul eram a mesma coisa.

Não são.

● 4

CRAQUE QUENTE

A GENTE PERTENCE A UMA COMUNA que domina um pequeno trecho do Centro da cidade. Como a nossa, existem muitas outras. As comunas da Zona Sul, aonde a gente vai de vez em quando pegar uma praia, também têm seu território bem demarcado, mas não como aqui. Lá circula muita gente e fica difícil guardar tantos rostos de moleques. Além disso, tem a troca, que é uma maneira de despistar caguete. Quem pensa que é fácil fique sabendo que a troca é difícil pra caramba. Tem um moleque, Craque Quente, que ficou famoso no negócio. Parece que foi ele que ensinou a troca pra todo mundo. Não tinha ninguém como Craque Quente. Claro que botaram esse apelido nele só de sacanagem.

Craque Quente, se você não sabe, é o disfarce usado pelo Super-Homem, o cara que troca de roupa rapidamente e sai voando. Craque Quente, o moleque, também era assim: figura conhecida por toda a praia. Furtava só bagulhinhos, ganho de zoação: bronzeador, refrigerante, biscoito de polvilho. Saía na carreira e, pra despistar, ia largando pelo caminho o tênis, o bermudão,

a camiseta. Quando chegava do outro lado da rua, já era outra figura, com roupa diferente, outra identidade. Como o Super-Homem.

Não é fácil fazer a troca. Só quem já experimentou tirar a bermuda na carreira sabe por que Craque Quente era tão especial. O rei do pedaço. Até o dia em que desobedeceu à lei da rua. Ora, pra fazer a troca, o cara tem que estar limpo, na moral mesmo. Naquele dia, Craque Quente tinha cheirado e fumado todas. Na correria, trocou o bermudão, mas esqueceu da camisa. Do outro lado da rua, ficou cara a cara com o trezoitão dos home. A bala acertou o peito, mas, antes de atingir o coração, furou quatro camisetas: verde, amarela, branca e azul.

Pelado, esticado no asfalto, o corpo era mesmo do Craque Quente. Um fiapo de pessoa. Pra falar a verdade, ele era só o cabide das roupas que punha e tirava pra garantir a fama.

A troca não é pra qualquer um: é preciso ter o corpo certo e saber sobrepor as camisetas e os bermudões, quatro ao todo, pra polícia não manjar. Pivete gordo não consegue. Nem pensar, é cana na certa.

Outro segredo é escapar da geral, da revista. Se os *home* mandam parar, apalpam e sentem roupa sobre roupa, ferrou.

— É coruja — eles dizem.


— Leva pra gaiola e depena.


Deenam mesmo. Já vi pivete com o braço quebrado e a pele esfolada no asfalto só por estar com duas

calças e duas camisas. Ou é fazedor de troca ou ladrãozinho de loja. Não querem saber do frio. Com os *home* é assim: primeiro batem, depois apuram.

Na Zona Sul tem muito desse jogo da troca. No Centro, nem tanto. Nossa luta aqui é por comida. Temos que ir atrás do que chamamos de São Betinho¹ (o cara que gosta de fazer caridade, de dar comida pra pobre) e grudar nele, administrar o gado. Cada um deve arranjar o seu e não perdê-lo de vista. Deve prometer que um dia vai sair dessa, blá-blá-blá e ir levando. Quem tá fora não entra, quem tá dentro não sai. Aprendi isso no sufoco.

1 Referência ao sociólogo Herbert de Souza (1935-1997), o Betinho, importante defensor dos direitos humanos. Uma de suas iniciativas mais conhecidas foi a Ação da Cidadania Contra a Miséria e Pela Vida, campanha contra a fome iniciada em 1993 e que contou com forte apoio da sociedade civil. (N. da E.)

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

● 5

PIPA VOADA

DEIXAR A CASA é parecido com o que deve sentir uma pipa voada depois de uma *tora*² com cerol: ela vai pra lá, vem pra cá, cai aqui, cai ali. Fica sem saber se se soltou mesmo da linha até perceber que entrou na briga e deve aguentar. Ouvei casos de meninos que deixaram a casa como pipas voadas, que a gente segue com os olhos até perder de vista. Depois se fica sabendo que foram levadas pelo destino. Alguém pegou pra empinar noutra lugar ou caíram no asfalto e foram estraçalhadas pelos carros.

Por outro lado, quem sai de casa é como esses cachorros criados com todo o cuidado e que um dia, de saco cheio da boa vida, procuram a vadiagem por sua conta e risco.

Meu caso é diferente: pediram que eu me virasse. Assim mesmo, na lata.

Depois que vó Felicidade se foi, sustentar três bocas ficou impossível. O pai chamou a gente e disse que,

2 Disputa, confronto. (N. da E.)

sem ela, o dinheiro certo no fim do mês havia acabado. Agora era cada um por si. A mãe ouviu tudo de cabeça baixa. Minha irmã já tinha ido, do mano mais velho pouco se sabia. Então, o comunicado se referia a mim e aos dois caçulas. Cada um por si.

Olhei pra cima, buscando os olhos de meu pai, e só vi sua sombra saindo pela porta. Minha mãe virou o rosto e negou o abraço. Na escuridão do barraco, só me recordo do choro fungado e dos quatro olhos brilhantes de meus dois irmãos. Eu? Bem, fiquei entre a pipa e o cachorro. Na verdade, cria de cachorro que, pra não morrer de fome, a gente põe numa caixa e leva pra longe e abandona: no pé do morro, numa encruzilhada, no acostamento. Num lugar em que o perigo resolve o destino da cria. Fosse cachorro de raça, a gente até vendia, mas vira-lata, quem quer? Quem compra?

Nenhum de nós três dormiu aquela noite. Tinham cortado a luz do barraco. Dividimos a cama com o calor, o medo e os mosquitos até não sei quando. Sem pai, mãe ou irmão mais velho. Não havia mais ninguém além de nós, nem no quarto nem na cozinha, que, na verdade, eram o mesmo espaço. Tampouco no banheiro, que dividíamos com dois vizinhos, de barracos colados ao nosso. Desse dia em diante, aprendi a acordar sem me importar muito com a hora, sem ter alguém do lado.

Saí perguntando por meus pais em tudo que é canto, mas as portas se fechavam. Desse modo, não saí nem

deixei o morro; os outros é que me deixaram. Então me perdi por aí. Não reclamo de ter sido abandonado. Maravilha, sim; os pais não vêm ao encontro dele porque não querem — se é que essa história é mesmo verdade. No meu caso, porém, como não me soltei da mão da minha mãe nem fugi aos olhos do meu pai, sei que nunca serei procurado, o que me dá um alívio. Sou eu comigo mesmo e mais ninguém.

Carol tinha história parecida. A diferença é que nasceu mulher. Carregava isso como quem leva um pecado, um peso, um erro. Só se lembrava da mãe, Aline. O pai? Entrou no bonde errado, traiu a rapaziada, sumiu. Ninguém sabe, ninguém viu. Então, a mãe deixou a barriga crescer e voltou pra casa. Seus pais não suportaram a vergonha, mas deixaram a filha ficar, mais pela falação dos vizinhos, que queriam evitar, do que por amor. Faziam planos pro neto até que nasceu uma neta, Carol. Como se tivessem culpa, ela e a mãe foram expulsas de casa. Bem que a mãe tentou se ajeitar, mas aonde quer que fosse pedindo amparo diziam que a criança não era bem-vinda. Quem se interessaria por uma criança que já nasceu marcada, com as pernas tortas?

No entanto, eram justamente essas pernas o que mais encantava na Carol. A moleca arrasava, era boa de dribble. Rápida no corre-corre da zoação. Essas qualidades, porém, não encantaram a mãe dela, que decidiu abandoná-la. Entregue à própria sorte, Carol percebeu que podia se virar.

Assim, ao lado de Bala Perdida e Maravilha, circulando pelas ruas do Centro, pedindo esmola, orientando os motoristas no estacionamento na esperança de um trocado, vejo que a situação de Carol não é melhor que a minha. Não tenho do que me queixar.

● 6 SÃO BETINHO

— QUE MOLEQUE É AQUELE que tá de papo com o Amador?

— Que moleque, maluco?

— Lá, na porta do restaurante.

— Tô vendo nada.

— Deixa de ser besta, Dimba. Tá todo mundo vendo aquele moleque na porta, de papo com o Amador.

— Fica fora dessa, maluco. Passa batido. É o Coelho.

— E daí?

— É peixinho dos *home*.

— Não quero saber. Amador é meu São Betinho.

— Cai fora, maluco. Tu ficou de molho, Coelho chegou junto. Ganhou a parada. Não vai querer provocar os *home*, vai?

Não, não vou. Mas se garantir na rua sem um bom gado não é nada fácil. Amador era gente fina. Cuidou de mim e de mais uma porção de moleque daqui. Eu conquistei meu protetor na moral, na honestidade.

Honestidade não é o sujeito andar na correção, sem vacilo, cumprindo o dever de olho na promoção. Não. Na rua, honestidade não é isso. Isso é coisa de

171, de chantagista, de *caozeiro*, que faz tudo querendo levar vantagem. Na rua, a gente aprende honestidade na marra, honestidade da gente com a gente mesmo. Não tem essa de ficar de olho na promoção nem de pedir algo em troca (ninguém tem mesmo nada a oferecer): o olho no olho é que dá a decisão. Piscou, *mermão*, tá ferrado.

Amador até fez *brodagem* com a gente, mas vacilou feio, porque usou a honestidade de gente adulta. A honestidade do mundo dele, de gente que não conhece as leis da comuna.

• • •

Os comerciantes daqui contratam seguranças por um troco. Cada dia um cara diferente, um pior que o outro. Fosse polícia, a gente sacava só de olhar. Andou em dois, tá de uniforme, é tira. Mas os seguranças desses restaurantes são gente como a gente. Só se sabe quem são de fato na primeira escorregada, no *mocão* na nuca. Amador, ao contrário, nunca contratou seguranças. Confiava na pivetada. Essa confiança é o que conta na rua.

Eu, Dimba, Maravilha, Carol e Bala Perdida fomos criados como moscas no lixo rico do restaurante do Amador. Ele sabia fazer a política da boa vizinhança. Administrava de longe os pequenos serviços que a gente prestava. A flanelinha no carro dos fregueses, o olho esperto na manobra pra estacionar, o respeito com as

moças bonitas. E regra número um: jamais colar o nariz no vidro tentando adivinhar o que rola lá dentro.

Sáidos do lixo, Amador permitiu que fôssemos pra escada da cozinha. Primeiro, mandava uma quentinha pra cinco, que, na realidade, se desdobravam em seis, pois Que Fedor sempre aparecia pra filar comida. Amador era um cara maneiro: todos o queriam pra São Betinho. Mas isso não é coisa que se exija de um santo. Tem que esperar pra ser escolhido. É como uma senha: geralmente, São Betinho escolhe o protegido pelo costume de dar rango, água e a chave pra usar o banheiro. No caso do Amador, a conquista foi feita aos poucos.

No começo, quando o cozinheiro chegava com a quentinha, mal conseguia decidir em qual das dez mãos ia deixá-la. Com medo ou dificuldade de escolher, geralmente a largava no ar. Quem pegasse pegou. Entre nós, a gente se entendia.

Na segunda-feira, a pivetada fazia cruz na boca, porque o restaurante não funcionava. De terça a domingo, a gente montava o esquema. Na terça, a carne ficava pra Carol; na quarta, pro Dimba; na quinta, pro Maravilha; na sexta, pro Bala Perdida; e, no sábado, pra mim. No domingo, como o rango era mais fraco, pra atender o pessoal do vegetariano, o peixe ficava pro Que Fedor.

Defendida a carne, o resto do rango era comido ali mesmo ou embrulhado num plástico pra garantir a janta. Dimba tinha a mania de guardar comida no bolso do casaco. Nojento, mas era o jeito dele.

Geralmente, a carne da terça, dia da Carol, e a do sábado, o meu, eram as melhores. Não foi a gente que quis assim. Pura sorte. Disputa na porrinha, sem melhor de três. Quem ganhou levou. Comemos assim durante uns dois meses. O tempo necessário pra que Amador escolhesse seu protegido.

Como já estava definido o dia em que cada um comeria a carne, o cozinheiro sabia com quem deixar a quentinha. O esquema foi tão bem montado que a gente esperava em fila, na hora certa, com olho pidão e boca engolindo cuspe, feito passarinho. Numa dessas vezes, quando Carol era a primeira da fila, Amador, que já sabia indiretamente da nossa existência, veio falar conosco. Devia ser português, como são todos os donos de restaurante por aqui. Mas não era.

— É alemão — arriscou alguém — Vamos apostar?

Quem se importava? O coração do Amador devia ser do tamanho dele.

Naquele dia veio ver seus protegidos de perto. Deu a quentinha na mão da Carol. Quis saber o nome de todo mundo, e ninguém deixou de dizer. Nomes de guerra, de rua, que ele respeitou. Quando o próprio dono do restaurante vinha trazer o rango, era uma festa pra pivetada. Dentro da quentinha podia estar, finalmente, a senha, o voto, a revelação do escolhido. Se a carne tivesse um pedaço a mais, Carol seria a sortuda, a ganhadora do São Betinho (no caso, Amador). A disputa teria acabado. A molecada ralava peito sem resmungar nem olhar pra trás.

Quase brigamos pra fazer Carol abrir a quentinha. É claro que ela fez suspense: abriu a tampa como quem demora a revelar os números da raspadinha pra sorte ir chegando, entrando aos pouquinhos. Foi assim que Carol agiu, rasgando devagar a tampa da quentinha. Primeiro, igual a uma lua nova; depois, abrindo um buraco maior, lua crescente. Olhou lá dentro, meteu os dedos, depois a mão. Tudo igual: o pedaço de carne assada no cantinho, sem nenhum agrado a mais, atrás da folha de alface e das quatro rodela de tomate. Ela mal comeu a carne. Comemos o que sobrou, como sempre. Carol ficou triste e foi embora, seguindo o que manda a lei das ruas. Continuar ali seria bobear, marcar passo. Então ela saiu em busca de outro São Betinho.

Assim, durante toda a semana, Amador veio trazer a comida pessoalmente. A esperança do agrado aumentava nossa torcida e nossa decepção. De terça a sexta, nada de novo. Por eliminação, o agrado não tendo saído pra ninguém durante a semana, naturalmente, seria eu o escolhido.

No sábado, apenas eu estava no pé da escada quando Amador me entregou a quentinha. Não tinha dúvida. A escolha seria mesmo por eliminação. Ali devia haver um grande e gordo bife com fritas. Ganhei!

Certo disso, peguei a quentinha e a abri rapidamente. Cadê? Caiu? Perdi? Cadê a carne? Cadê? Que carne? Nem sinal dela. E agora? Fico na moita? Conto pros outros? Qual de nós tirou o melhor, o maior pedaço de carne? Como medir?

Fiquei na minha. O domingo chegou e fui lá pegar a quentinha e garantir o almoço do Que Fedor. Era uma comida pobre, mas Que Fedor adorava se lambuzar no molho de peixe só pra ficar com aquele cheiro que todo mundo conhecia. Só comia o peixe, o resto deixava pra gente dividir, um pouco pra cada um, pra se segurar na segunda-feira, quando o restaurante não abria.

Fui lá com essa intenção, mas tive outra surpresa. Amador veio e me viu. Olhou em volta como se procurasse alguém. Não me entregou a quentinha, deixou-a no corrimão, no alto da escada. Nem precisava abrir. Pelo tamanho e pelo cheiro, não tinha peixe nem salada lá dentro. Era carne assada, o cardápio da terça-feira. Era a quentinha da Carol, que Amador entregava no domingo. Mudou a rotina pra desorientar a gente. Bagunçou nosso esquema. Se o erro fosse entre nós, a gente se ajeitava numa boa, mas, se vinha de fora, encrenca geral. Adulto não entende isso. Então foi maldade do Amador, pra provocar um racha entre nós. Por eliminação, quisesse ou não, tinha sido eu o escolhido. O gado era meu, mas Amador melou nosso lance. Não imaginava o tamanho do estrago feito em nossa *brodagem*. Se eu comesse a quentinha, estaria traindo Que Fedor. Se escondesse o que sabia, trairia todos os outros.

Com raiva, peguei, abri, pisei, emporcalhei, joguei a quentinha no lixo. Que Fedor que se danasse. Se quisesse, que fosse brigar por comida com as baratas e as ratas-zanas. Precisava consertar aquilo. Chamei a molecada,

dei o serviço. Carol xingou todos os palavrões que trouxe de casa e outros que aprendeu na rua. Jurou que, depois dessa, iria pra outra comuna. E agora? Eu perderia Carol ou meu São Betinho? O destino dela e a honra da turma estavam nas minhas mãos. Procurei Amador na terça-feira. Pra isso, precisava romper o cerco do pessoal da cozinha.

— Quem quer falar com o chefe?

— Pivetim.

— Pivetim?! Da parte de quem?

— Deixa de embromar, *mermão*. Chama o homem. Você sabe quem eu sou, por que tenta barrar minha entrada?

— O chefe está em reunião.

— Eu espero.

— Volta amanhã.

— Daqui não saio.

Do começo ao fim do expediente fiquei lá. Em pé. O cheiro de comida entrando pelo nariz, provocando minha fome. Covardia. Estava a ponto de desistir quando Amador chegou. Fez um gesto, assim, com a mão, pra que eu entrasse no escritório. Sentou. Fiquei de pé. Se me sentasse, perderia em altura e enfraqueceria o argumento.

— Senta aí, moleque.

— Tô bem.

— Fala.

— O que o senhor quer com a Carol?

— Quem é Carol?

— A menina que anda com a gente.

— Que menina? Mais parecem cinco pivetes. Mas você está me atrasando. Diga logo o que tem pra dizer e vá embora.

Falei. Conte sobre a escolha do São Betinho. Ele riu. Riu mais quando disse que ele tinha bagunçado a eleição.

— O que posso fazer?

— Tem mais jeito não.

— Posso votar de novo.

— Não, não pode.

— Por quê?

— Agora só tem eu.

— Então escolho você.

— Não é assim.

— Não?

— Não. Tem que falar com os outros.

— Junta a molecada que eu falo. Pra dizer a verdade, fiquei de olho em você e na garota, na... Qual é mesmo o nome?

— Carol. Por que ficou de olho nela?

— É sua namorada?

— Não. Por que ficou de olho nela?

— Tenho uma filha. E você, porque é esperto.

— Tá bom. Vou juntar a molecada.

— Faça isso, mas antes eu queria saber uma coisa: por que não posso dar comida pra todos? Vocês estão sempre por aqui mesmo, me ajudando a tomar conta do restaurante...

— Não é assim que funciona. Onde já come um, não podem comer dois. Se a gente não circular, a área fica sem dono.

Ele disse que não entendia, que a gente podia se arrumar por ali mesmo até tomar rumo na vida.

— O senhor não vai poder cumprir o que promete. Trato com moleque, com pivete, é uma coisa. Quando a gente vira sujeito-homem, o trato é outro.

— Tudo bem. Não tenho tempo pra entender. Fica como está. Traga logo a molecada.

Olhei em volta. Estava entre quatro paredes, de baixo de um teto. Podia trair meus colegas, mas trato é trato, palavra é palavra. Que Fedor falava isso. Falava mais: que pivete esperto é como beija-flor na praça, voa aqui, voa ali e vai fazendo a vida. Tinha bronca dos camelôs que vendiam aquelas flores de plástico pra enganar beija-flor. Tinha bronca das pessoas que enchiam aquela flor de água açucarada, escravizando o bichinho. Ele ficava viciado, gordo, fraco, sem forças pra dar um rolê e tocar a vida. Comida é bom, mas, se um pivete troca a zoação por comida, morre que nem beija-flor viciado em água doce. Que Fedor é sabido. Muito mais que o Amador.

Bati a porta. Saí. Mais três semanas sem rumo, com fome, tentando juntar a turma. Disputa de padrinho não é nada bom. Enfraquece a comuna. Mesmo que tivessem me deixado livre pra aceitar a proteção do Amador, dava pra sentir a desavença. Tinha *caô* no ar, não era bom.

Nenhum de nós sabia o que fazer. Nem Que Fedor nem Dimba, muito menos Bala Perdida ou Maravilha. Além do mais, faltava Carol. Sem ela na jogada, a molecada também se sentia por fora, até mesmo eu. Nossa relação com Amador estava encerrada. Quando o orgulho cresce muito, fica maior que a fome, e isso é um perigo. Os moleques da outra comuna podiam invadir nossa área, tomar nosso pasto, domar nosso gado.

Sem saber ou sabendo, Amador provocava, promovia a desavença. Puro *caô*. Ele continuava deixando uma quentinha gorda e cheirosa no alto da escada. Isca, ratoeira. A gente rondava a comida, imaginava o tamanho da carne, o gosto, tudo. A fome provocava. Comíamos com os olhos.

No entanto, pouco a pouco perdemos o interesse pela comida e começamos a nos preocupar com as sombras. Uma em cada esquina. Dia e noite, noite e dia, ameaçavam invadir nossa comuna. Maior terror. O engasgo podia acontecer pra qualquer um.

● 7 VISTO

FAZ UM TEMPÃO QUE CAROL não pinta no pedaço. Maravilha garante que só faz um mês. Parece mais. Pensamos até que ela tivesse trocado de comuna. Seria o maior vacilo. Ia pagar caro: pra ser aceita noutra comuna, precisava dar o serviço daquela de onde vinha. Vacilão ou vacilona não se cria na rua. Se marmanjo paga caro, imagina ela, que é moça. Perde a moral pra sempre. Mudar de comuna, *mermão*, não é só sair daqui, virar a esquina, atravessar pro lado de lá do asfalto, cumprimentar quem tá se virando na outra quadra e de noite escolher seu papelão, juntar as tralhas e se deitar sob a primeira marquise livre. Não é assim. Se fosse, a zona ia ser total. Aqui, as comunas seguem a lei. Carol conhece bem o babado, sabe que o bicho pega. Por isso nunca ligamos quando ela dá esses sumiços.

— Mulher tem dessas, de escapar, cair fora. É coisa delas — Que Fedor ensina.

Tento entender, mas não consigo. Um dia, quem sabe? Só que, dessa vez, Carol está exagerando. Imaginamos que tivesse ido pruma das comunas aqui de perto: a do Bandão, do Beleza, da Lia Moura ou do Tareco.

Se foi pra do Bandão, menos mal, porque o cara é gente boa. Já morou aqui e respeitava muito o Que Fodor, que conhece a lei, mas não castiga a gente. Bandão saiu do nosso esquema porque queria ter o dele. Pra conseguir o visto, a permissão pra mudar de comuna, tem que ser safo. O visto é geralmente concedido quebrando a moral de quem pede, na base da surra, do estupro, da humilhação.

Na comuna do Bandão, vale tudo. A concessão do visto depende da força e da raça do candidato. Mulher ou homem, o sujeito tem que passar por cima da autoridade do líder pra ganhar a confiança. Só cara fortão e mulher que não leva desaforo pra casa é que passam na avaliação. E olha que encarar o Bandão não é nada fácil! O cara veio de um morro barra-pesada. Já chegou na rua cheio de malícia, de traquinagem. Nunca precisou de São Betinho: tomava rango à força, roubava esmola de cego. Seu gado eram os meninos e as meninas que vendiam mario-la. Se tivesse ido pra lá, Carol seria um deles. Não acredito. Carol queria muito mais do que a mãe, ou porque não podia, ou porque não queria, deu a ela.

Beleza é irmão do Largadão e juntos eles controlam a venda de cola e de outras drogas pra rapaziada. A comuna deles fica nos becos das estações do metrô, perto do valão. Descolar um rango lá é difícil. Difícil, não, impossível. O comércio é fraco, o terror pega feio. O valão vive lotado de otário que pisa na bola com o Beleza. Carol conhece a história do próprio pai e não vai cair nessa.

Lia Moura comanda a comuna que começa na terceira quadra. É a quadra dos *shoppings*, a maior, vai até o aeroporto. Só dá bacana na área. Dizem que Lia já foi rica, perdeu tudo e veio pra rua. Ninguém a reconhece porque ela se mistura, se enturma com gente rica. Conversa com gringo e minhoca (que é como a gente chama as pessoas que nasceram aqui nesta terra) de igual pra igual. A pivetada gosta de viver na comuna da Lia Moura, porque ela dá toda a proteção.

Lá, quem entra começa vendendo paçoca e bala de goma no sinal. Com tempo e sorte, se ela deixar, você pode ganhar um isopor e vender refrigerante e cerveja. Pode subir na vida, alugar um quartinho e comer todos os dias. É o sonho de todo pivete. Só pivete-homem, porque Lia Moura, não sei qual é a dela, nunca dá visto pra mulher — só moleque-homem trabalha lá. Mesmo que disfarçasse o cabelo com boné ou botasse faixa pra esconder os peitos, Carol não ia nem chegar perto da comuna da Lia Moura. Com a idade que tem, Carol vale seu peso em ouro. Lia Moura sabe disso, Carol também.

A comuna do Tareco é a mais pobre da área. Tá se formando agora. Os moleques cismaram de montar a comuna no pé do morro, daí tiveram que negociar com o homem lá de cima. Tareco nem é nome de gente, foi o homem quem batizou a comuna assim, só pra zoar. Ele usa a pivetada pra cobrar, dos turistas sem guia e dos manés sem rumo, pedágio de quem desobe-dece ao toque de recolher. O São Betinho do Tareco

é mesmo o tal homem, o bandidão do morro. Entrar nesse tipo de comuna tira a moral da gente.

Muito do que sei sobre as comunas foi Carol quem me ensinou. Ela só tinha seis anos quando chegou na rua. Como ainda nem manjava da lei, foi morar perto da rodoviária, perto do porto, sem saber de nada. No mesmo dia que chegou lá, já tinha olheiro sacando.

— Qual é? Tá vindo de onde? Faz o que aqui?

Na falta de resposta, Sansão, dono do pedaço, pediu pra ela escolher entre o visto e o engasgo. Naquela noite, Carol entendeu a lei.

Deve ter se lembrado disso, porque, depois de um sumiço de quase dois meses, ela voltou pra comuna. Chegou como saiu, silenciosa. Encontrou sua caixa armada de frente pro prédio de vidro. Chorou baixinho.

Muito.

● 8

ENGASGO

O ENGASGO é o maior terror da rua. É morte certa, na covardia. Ninguém está livre do engasgo.

Nem todo São Betinho é sangue bom como o Amador. Pra encher quentinha, usam muito macarrão e farinha. Às vezes, a carne fica lá no fundo. É bom comer na ilusão de que ela esteja lá, esperando ser espetada pelo garfo a qualquer momento. Na pressa de encontrar logo o naco de carne, o garfo pode até furar a mão que ampara a quentinha. Carne é a recompensa final. Por ela, na rua, também se mata.

Sabendo disso, vagabundo prepara o engasgo. É um saco plástico, desses de fazer sacolé. Enchem ele de gesso em pó. Socam bem socado e botam como se fosse uma linguça no fundo da quentinha. Por cima vai o molho de tomate, com caldo de carne, arroz, batata, feijão, macarrão e farinha. Está armada a ratoeira. O cara, na pressa de comer, finca o garfo. Sente que tem coisa dura lá no fundo. Garfa e come. Come e garfa. Gesso, molho, macarrão e farinha. A morte engolida aos poucos, por pouco tempo. Logo, logo, o gesso vira pedra e dá um tranco, uma trava na garganta. Sai no vômito. Aos pedaços.

Na comuna do Sansão, as pernas tortas, mais do que a pouca idade (seis anos), livraram Carol do estupro. Mas, pra que não contasse o que passou lá, no quinto dia de reclusão, ofereceram a ela o engasgo. Espetou o garfo aqui e ali procurando a carne. Sentiu o volume no fundo do prato. A morte. Fraca, não teve forças pra furar o plástico nem pra comer até o fim: desmaiou sobre a quentinha. A cara enfiada no feijão aguado.

— Tá morta? Só pode.

Eles a ensacaram e a jogaram no valão que carrega o lixo do cais. Foi salva pelo pessoal da estiva.

Depois disso, o tempo voou: hospital, juizado, fuga, rua. Agora ela tem doze anos.


A idade nunca revela nossa força.


● 9

SAUDADE

LEMBRANDO DISSO, tudo parece tão novo. Mas, desde que vi Carol tomando banho no chafariz, com Dimba e Bala Perdida pulando o portão, nunca mais soube dela.

Saudade. Só saudade, porque o amor entre a gente é como a honestidade. Não é como o amor que rola entre vocês. Não é, não.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

● 10

DESMONTE

CAROL CHEGOU NUMA NOITE em que a gente imaginava que nossa comuna seria tomada pela Lia Moura ou pelo Beleza. Eles usariam o engasgo pra tomar nosso ponto. O restaurante do Amador já tava no lance pra levar a culpa, estavam cercando nosso gado. Toda noite era uma sombra aqui, outra ali, cada vez mais sinistras, rondando o quarteirão. Carol ouviu nossas suspeitas — foi quando contou pra gente, pela primeira vez, como tinha sobrevivido ao engasgo. Mas agora era diferente, tratava-se de uma chacina pra tomar o ponto de rango. Nossa fome era tanta que comeríamos qualquer coisa, sem diferenciar bife de bosta.

Quando as sombras dos pivetes das outras comunas começaram a encher os becos, sacamos tudo. Na escadaria do restaurante do Amador, vigiávamos as quantinhas. A gente se segurava, calava a fome, deixava o veneno apodrecer até ser levado pelo caminhão de lixo. Isso durou pouco. Logo perceberam que não nos pegariam pelo estômago e pararam de deixar o rango na porta do restaurante. O que tentariam em seguida? Todo cuidado era pouco. Que Fedor mandou dobrar a guarda:

— Olho em cima, *mermão*, que o bicho tá pegando.

Agora as sombras estavam cada vez mais perto. As quentinhas apareciam aqui e ali, na nossa cara. Dentro da caixa de papelão, no meio das nossas tralhas. A fome urrando:

— Não tem perigo, maluco! Confia não?! Não vê que tô aqui, *mermão*? Limpeza!

O deus Medo fazia sua parte. É ele que nos protege. Como nenhum de nós sabia do engasgo até Carol contar pra gente em detalhes, comida grátis era uma tentação. Quando correu o boato de que Bala Perdida tinha malocado uma quentinha entre as tralhas, Carol comandou uma pivotada pra dar uma geral nos becos onde ele podia estar escondido. Bala Perdida é uma das peças fortes da comuna; se um engasgo o apagar, será uma vergonha pra todos.

Onde o otário se meteu? Não desconfiava que estava a ponto de traçar a morte. Era urgente encontrá-lo, porque, se o deixássemos morrer, morreríamos também. No duro, de verdade. É a lei.

● 11

SAUDADE DOIS

NA ESCOLA DA RUA, a gente não precisa de tia nem de nota pra passar de ano. Pra continuar matriculado, todo dia tem prova — reprovação, só quando se morre.

Achar uma turma bacana é como ganhar a proteção de um São Betinho. Na minha banca de jornal, viajo de fora pra dentro das capas de revista, imaginando o que se esconde embaixo do plástico. Como gostaria de conferir, abrindo e fechando as páginas, passando uma a uma, se o que imagino é mesmo verdade...

Mas não adianta insistir, o jornaleiro italiano é igual à tia que bate, chuta e castiga quem sabe a lição antes dos outros. Se a gente assusta o freguês ou ameaça pegar uma revista pra ler na praça, ele fica uma fera. Minha banca é a mesma do Maravilha, bem ali, ó, pertinho da marquise. Logo que cheguei aqui, já entendia muita coisa, porque passava o dia todo em frente à tevê. Assim, foi só comparar o que experimentei na rua com o que via lá em casa. Mas aprender a ver as pessoas paradas nas fotos, espalhadas assim no papel, é muito diferente. Eu queria muito aprender a ler tudo de uma vez.

Maravilha me ensinou que não é bem assim, que a gente deve olhar devagar pra entender tudo. Primeiro as figuras, depois as letras grandes, as menores e, por fim, as miudinhas, que é preciso olhar bem de perto pra compreender o que não foi explicado pelas grandes.

Sempre achei uma bobagem fazer e viver as coisas assim aos pouquinhos e aos pedaços, mas Maravilha devia saber o que falava, a pivetada toda o ouvia. Sou feliz por ser amigo dele. Foi ele quem me contou o segredo: que a Carol era moça e a gente, menino. Ele me mostrou as diferenças nas revistas, e eu conferi, espiando ela tomar banho. Depois disso, numa pelada que nosso time venceu, na hora do abraço pra comemorar o gol, ela me beijou na boca. No susto, no sufoco. Mas beijou.

Que saudade...

● 12

BALA PERDIDA

BALA PERDIDA É BICHO SOLTO, como se diz na comuna. Sempre se dá bem, anda por todas as áreas: vai do Centro à Zona Sul com a liberdade de um pardal. Aqui mesmo, na área da comuna, entra em alguns prédios pelo elevador social e, sabendo sempre quando e de que rua vem o rapa, ele avisa os camelôs. Seus quinze anos parecem doze, e ele tira partido disso. O boné fincado na cabeça esconde a cicatriz: um rasgo que vai da testa ao topo da cabeça. Falam em calibre trinta e oito ou quarenta e cinco. Muitos juram que foi tiro de fuzil, de escopeta, de bazuca. Claro que é exagero, vai ver foi só um tombo da laje. Ele não conta como foi. Por aqui, é bom fazer mistério.

Não ter nome é um deles. Bala era conhecido como Neném até ser atingido pelo tiro. Se o disparo veio do alto do morro ou subiu daqui pra lá, ninguém sabe, ninguém viu. Neném teve apenas a infelicidade de estar no meio da guerra. Foi pro hospital escoltado pela polícia. Até que esclarecesse de que arma e de que lado tinha partido a *azeitona*, ficaria sob proteção policial.

Uma noite, foi sequestrado, levado da enfermaria e, pra evitar perigo na comunidade, mandado pra rua. Seu nome agora era uma marca que dispensava palavras. Bastava tirar o boné pra revelar a nova identidade.

Por isso, quando disseram que Bala Perdida podia ter mordido a isca e já estar com os bofes de fora (ou boiando no valão), Carol duvidou. O caso devia ser mais sério, Bala não era tão mané, tão otário assim. Mas a gente sabia que a fome dele gritava mais alto que a nossa. Quando ela mandava, ele obedecia. Quem podia adivinhar se não foi numa dessas que ele catou a quentinha pra devorar mais tarde, mesmo correndo risco?

Acordamos cedo pra busca. Sabendo do truque, Carol ensinou a gente a espetar as quentinhas aqui e ali ou a esvaziá-las pra encontrar o tal saco de gesso. A investigação foi divertida, uma zoação. A gente nem se importava se, além do engasgo, houvesse qualquer outro tipo de veneno. Fazíamos um banquete abrindo quentinhas aqui e ali, botando fora quase tudo e comendo o prêmio: a carne, sempre a carne.


Carne alimenta melhor e dá um sono que ajuda a hora a passar mais rápido. Cala a voz da fome por mais tempo, por isso nunca deve ser desperdiçada. Quando é tratada com arroz, farofa de ovo e saladinha, a fome não se conforma, não se satisfaz. Barriga de pivete é leão que, quando ruger, quer carne. Come o que pode, se duvidar, até o próprio dono.


Bala Perdida quase caiu nessa. Era tardinha quando o encontramos entre paredes de papelão. Olhos de

quem havia cheirado cola, ele abria a quentinha e já se preparava pra traçar a comida com a mão mesmo quando levou um direto no meio da cara. Caiu com a boca rasgada, sangrando sobre o rango azedo. O sacolé com o engasgo voou longe, traiçoeiramente lambuzado por um molho vermelho que tinha cheiro de carne.

Depois de um dia inteiro inalando cola, a carne é um remédio. Tira a tonteira, acalma o estômago e faz até esquecer a batalha pelo café da manhã e pelo rango do dia seguinte. Carol bateu forte outra vez. Babaca! Otário! Dimba segurou a molecada longe. Que Fedor voltou da cervejaria com um saco cheio de gelo e cobriu o rosto do Bala, que foi mantido de molho durante duas semanas.

Ficou devendo uma a Carol. Um dia vai ter que pagar.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

● 13

DECISÃO

VARAMOS NOITES vigiando as sombras. Vimos que era mesmo a turma do Beleza e alguns moleques do Tareco que estavam invadindo nossa área, deixando engasgos como isca. A gente precisava de provas pra voltar ao restaurante e falar com Amador de igual pra igual. Se a história do engasgo chegasse aos ouvidos dos *home* e os *home* deixassem vaziar pro pessoal do jornal, Amador perderia os fregueses. Ele não ia gostar, e a gente menos ainda.

Na quinta noite de vigília, a sorte estava do nosso lado. Ao pegar a quentinha, nem precisou esperar o garfo pra encontrar o engasgo no fundo. Bastou levantá-la da calçada pra que o peso do gesso confirmasse a suspeita. Encontramos a prova, agora era convencer o Amador. A turma escolheu entre mim e Maravilha: eu é que teria que falar com o cara. Eu já havia entrado no restaurante uma vez; bem ou mal, Amador devia se lembrar. Na ocasião, a última palavra foi dele. Dessa vez, eu precisava urgentemente de uma resposta, agora ou nunca, precisava de testemunha. Que Fedor se ofereceu.

— Melhor que seja um *de menor* — impôs Carol.
Ficou combinado: a testemunha seria ela.

Chegamos de manhã, a quentinha assassina dentro de uma sacola. O pessoal da cozinha não facilitou as coisas. Esperamos a hora do almoço, o restaurante lotou. Veio a tarde. No fim do expediente, Amador abriu a porta dos fundos. Tinha cinco minutos. Fomos revistados.

— Na quentinha vagabundo não toca! — reagi.

Carol fez muro com o corpo. Fomos passando. Passamos. Entramos. Os doze anos de Carol abrem portas. Ela sabe disso e usa como arma. Se os olhos dos homens incomodam, ela os desconcerta, exagera, manca, mostra as pernas aleijadas.

Amador gastou com a gente bem mais do que cinco minutos, o papo quase virou a noite. Ele viu o engasgo. Pensou que fosse droga escondida. Abriu o sacolé, examinou o gesso, desfez a desconfiança e mandou trazer lanche pra gente. Tentou mudar o rumo da conversa que tivemos da primeira vez, mas manteve a palavra de me proteger. Eu teria comida e bebida desde que as coisas continuassem como estavam. Carol concordou; ela e os outros estavam cobertos. Já haviam conquistado seus São Betinhos.

Agora, só dependia de mim administrar meu gado.

● 14

BERÇÁRIO

POR ISSO, QUANDO SAÍ da reclusão, depois do soco na cara, e vi Amador e Coelho conversando, não me conformei de perder o São Betinho. Ele não foi conquistado da noite pro dia, custou demais. O tempo que fiquei fora de circulação foi muito curto pra que o tal Coelho colasse no homem. Pior, eu o vi entrando pela porta da frente do restaurante. Se Maravilha, Dimba e Bala Perdida não tivessem me segurado, eu teria ido tomar satisfação. Teria mesmo.

Segundo me contaram, Coelho apareceu na área no dia seguinte ao que levei o soco. Quem o deixou entrar na comuna? Bobagem, nosso domínio é pequeno: cobre apenas duas quadras e a praça. É área de comércio e poucas comunas têm interesse nela. Dizem que aqui é zona de batente, porque a gente batalha feito comerciante, de segunda a sexta, e, no fim de semana, é preciso contar com a sorte. Pra quem depende dos restaurantes, então, como é nosso caso, fica mais difícil ainda. Por isso pouca gente vem pra comuna. Tem muito segurança por aqui: quem pinta na área é logo interrogado. Estamos numa ilha, mas, no que depende

da gente, a entrada é livre. Que Fedor, nosso suposto líder, que é quem deveria botar banca, é só um mendigo porco e imoral. Ele precisa de nós pra segurar a onda. Na verdade, Carol é que é a dona do pedaço. Mulher mandona sempre mete medo em homem. Rua não é lugar pra fracos. Uma mulher que toma a frente vale por dez pivetes.

As comunas vizinhas chamam a nossa de berçário. Dizem que todo moleque rejeitado cai aqui até se escolar, virar sujeito-homem e ganhar o mundo. Chegando aos dezesseis, dezoito anos, ele tem dois caminhos: ou larga dessa vida, ou procura outra comuna, batalha pelo visto e briga por seu espaço no mundo. Por isso a gente tem tanto medo de parecer mais adulto do que é.

Coelho deve ser, como se diz aqui, ovo na choca. É pequeno, não aparenta mais que dez anos. Está sendo testado pelos *home* pra ver se tem a mesma moral do Dimba e do Bala Perdida. Se não tiver, vai dançar. Que o tempo cuide dele e o diabo o carregue.

Esta será uma noite longa. Maravilha dividiu meio pão comigo. A sobra de refrigerante no copo só dava pra um, bebemos em dois — bondade dele. Saí da reclusão. O olho ainda dói, mas não ficou marca. Tô inteiro, tenho de voltar à luta. Falo ou não falo com Amador? Tomo meu gado de volta? Se Carol estivesse aqui, me ajudava a decidir.

Que falta ela me faz!

● 15

AH!

ABRO OS OLHOS E, como se fosse domingo, cruzo o asfalto sem olhar pros lados. Embora as pessoas continuem passeando nas calçadas, sentadas nas portas dos bares, conversando sem me notar, não há carros no asfalto. A cidade é minha. Pela primeira vez faço o que sempre tive vontade: brincar de amarelinha na faixa de pedestres.

O sol bate forte, e as faixas brancas, de tão claras, ardem nos olhos. São espelhos que convidam à brincadeira. O sinal está vermelho, mas isso não me intimida. Lanço-me à aventura de olhos fechados e vou daqui até lá, pulando faixa sim, faixa não. Quando venço o limite que me separa do lado esquerdo da avenida, olho pra cima e chove papel picado, como na passagem de ano, e também confete e serpentina, como em anúncio de carnaval. Chovem também flores (não me lembro de já ter visto isso) e batem palmas, muitas palmas. Tem gente de todo tipo nas janelas dos edifícios e até as pessoas que agora há pouco conversavam nas calçadas, nas lojas e nos bares estão sorrindo e me aplaudindo.

Abro os braços, jogo beijos, e minha alegria fica maior quando toco as mãos de Carol. Vestida de palhaço, com nariz vermelho, chapéu de pontas e casaco de cetim, ela se equilibra sobre pernas de pau.

Conforme os aplausos crescem, ela parece ganhar altura, alcançando as janelas dos maiores edifícios da avenida. De lá, gira e gira sobre uma das pernas e grita alto pra molecada, gente que nunca vi por aqui:

— Venham de todos os becos e cubram o asfalto de cores e de sorrisos.

Brincamos de amarelinha, de pique-esconde, de roda, de coisas que nunca imaginamos.

Procuro Carol na multidão e, fora os pés de palhaço, que conserva no asfalto, pula aqui, pula ali, marcando o ritmo da amarelinha, noto que ela cresce cada vez mais, até atingir as nuvens. Eu me lembro de minha mãe dizendo que criança gosta de viver com a cabeça nas nuvens e rio. Com voz de trovão, Carol quer saber do que acho tanta graça, a ponto de rolar no chão.

— Hoje tem marmelada!

— Tem, sim, senhor!

— Sete horas da noite!

— É, sim, senhor!

— Arrasta a meninada!

— Ô!

— Arrasta a meninada!

— O circo chegou fazendo arruaça!

— Curando soluço, calando pirraça.

— Fazendo ciranda no meio da praça!

— O palhaço na frente vendendo pataca!

Da altura em que ela está, não consigo mais ver seu rosto, mas, pelo barulho das crianças que cada vez mais tomam conta da cidade, percebo que Carol tenta reunir o mundo à nossa volta. São crianças amarelas, roxas, azuis, rosadas, vermelhas, pretas, brancas, que, sem nos alcançar, aproximam-se pelo interior dos becos transportadas por nuvens. Chegam no arco-íris, um escorregador gigante que Carol riscou no céu, sobre todas as montanhas que cercam a cidade, até o meio da praça.

— E o palhaço o que é?

— Homem!

— Mulher!

— Velho!

— Criança!

— É o que você quiser!

— O palhaço é o bobo?

— É o povo?

— É o rei?

— É o sapo?

— É o príncipe?

— É a corte?

— É a grei?

Seguimos os passos de Carol, e ela abusa da sua condição de palhaça-malabarista. Rodopia numa perna só, oferece flocos de nuvens a quem tem sede; cristais de neve a quem morre de saudade de um lugar distante que nunca viu; relâmpagos violentos pra que os corajosos tremam e se abracem de tanto medo; trovões pra que a

cidade aprenda a ouvir silêncios; chuva forte pra lavar lágrimas; chuvisco pra lembrar cheiros e saudades.

— O que a fada madrinha traz na varinha de condão?

— O telhado da casa que dá proteção!

— Não!

— O piso da casa, os pés no chão!

— Não!

— As paredes do quarto, da sala, do salão!

— Não!

— As janelas, as portas, as chaves na minha mão!

— Não!

— Fada madrinha, qual é o segredo?

— É provar o sonho pra viver sem medo.

● 16

SUJEITO-HOMEM

O CAMINHÃO DO LIXO BUZINOU no começo da avenida. A pivetada já havia abandonado as caixas de papelão. Só Dimba continuava mocozado. Tremia. Chorava abraçando os joelhos. Ficar doente na rua é um perigo: o hospital abre a porta pra cadeia. Dimba está sozinho, quer dizer, estamos só eu e ele. Bala Perdida dormiu fora outra vez e Maravilha deve estar fazendo a lição de casa numa banca por aí, procurando uma pista da família em capas de jornais e revistas.

O caminhão vem que vem. Preciso fazer algo, tenho medo. Dimba anda armado com o furete, arma que ele mesmo fez, com latas amassadas de refrigerante e cerveja. Chegar perto numa situação assim é morte certa. Chamo de longe, ele não reage. O furete está preso ao cós da bermuda. Chego mais perto, bato no papelão. Ele se arma e parte pra cima de mim. Não vê nem escuta, dá o golpe. Escapo. Corre atrás e me pega. Pode me matar se quiser. Grito. Abre os olhos e só então me reconhece, me pega pelo braço com força. Corremos até a praça. Dimba esconde a arma no lugar de sempre. O furete, como quase tudo que a gente usa, é nosso e

de toda a comuna. A gente divide tudo, até mesmo os segredos. Dimba por fim me conta:

— Aí, Pivetim. Acabou. Sou sujeito-homem.

Não entendo. Ele baixa a bermuda. Mostra os pen-
telhos. Também tenho os meus. Eu o desafio, ele me
encara e mostra, no queixo e na face, três, quatro, cinco
fios grossos de barba. Agora entendo. É tudo ou nada:
ou Dimba se arruma e se manda, ou carimba o visto.
Não adianta disfarçar, tá na cara. Não deve ser à toa
que o Coelho está se infiltrando de leve. Outros ovos
na choca vão chegar mais tarde, quando Bala Perdida
também virar sujeito-homem. Depois serei a bola da
vez. Aí chega a hora do Maravilha, e assim vai.


Dimba está no maior cagaço. Eu também. Calado
com suas doenças e seus pensamentos, Que Fedor olha
a gente de longe. Não pede nem dá nada em troca, só a
garantia de estar sempre perto.


● 17

MARAVILHA!

SEM MEU SÃO BETINHO, me ajcito como posso, maior viração. Desde que se tornou sujeito-homem, Dimba sumiu da comuna. Maravilha continua fazendo o de sempre: acorda cedo e vai pra “escola”. Outro dia, eu o segui. A fome já tinha me acordado antes do caminhão da limpeza. Vi quando descarregou os pacotes de jornais e revistas e ajudou o italiano a separar isso daquilo. Saiu de uma banca e foi pra outra. Não levou nenhum passa-fora nem recebeu comida em troca, ganhou dinheiro e um tapinha nas costas. Pra quem já tinha comido resto de pombo e levado chute na cabeça, Maravilha devia estar muito feliz. No céu.

Podia pedir uma força pra ele, mas dois pivetes juntos é sinal de encrenca. Ninguém aceita, a gente sabe. Os italianos menos ainda. Melhor deixar o moleque na dele. Maravilha me contou que, enquanto separa os jornais, vai vendo se encontra uma foto, qualquer coisa que possa tirá-lo desta vida. Sente saudade da mãe, do pai. Quer voltar pra casa.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

● 18

ROSAS

HOJE O TAL COELHO veio jogar bola com a gente. Trouxe mais quatro moleques, que, antes de preparar o campinho no gramado da praça, foram levar um papo com Que Fedor. Já manjamos o que está acontecendo. Pivetes de merda, tudo vírus! Jogamos mal, mas quebramos eles. Maravilha estava mais avoadado que nunca: frangou três vezes e foi chamado de vacilão, de bundão. Não revidou. Não xingou.

— Não é homem, não, *mermão*?

De noite, quando a gente esperava as lojas de eletrodomésticos jogarem no lixo as caixas que nos serviriam de abrigo, Maravilha me mostrou um jornal rasgado, molhado de tanto que devia ter apertado e chorado em cima. Como um grande segredo, ele me mostrou, num cantinho, a foto miudinha de um homem e de uma mulher. Quase não dava pra ver. Reclamei. Ele deu bronca. Tomou e guardou o jornal entre as tralhas.

— São meu pai e minha mãe.

— Bobagem. Você não se lembraria deles depois de tanto tempo.

— São meu pai e minha mãe, sim.

Chorou, insistiu. Não duvidei nem acreditei. Isso era problema dele, já tinha os meus.

• • •

O tal Coelho descolou com o Amador um bico como vendedor de rosas pra casais de namorados que vão ao restaurante. Sangue bom: ele me deu a dica, que é quente. Vamos nessa. Custou muito, mas consegui falar com o português do Adegas Bar, onde me dão uma quentinha de vez em quando.

— Não é que o molequito está a me propor um bom negócio?!

Bom mesmo. Agora vendo rosas de mesa em mesa. Com as gorjetas e o dinheiro que o português me dá, como carne todos os dias há duas semanas. Estou com sono.


Merda, Maravilha chora quase toda noite. Sonho sair daqui sem precisar de visto, assim que virar sujeito-homem.


● 19

NEGÓCIO

COM O SUMIÇO DA CAROL E DO DIMBA, que foi cumprir seu destino, pintou a pressa de cada um se arrumar como podia. De peitar a vida ou de ser levado por ela. Bala Perdida rondou a marquise esta noite. Viu Coelho e mais dois pivetes dividindo a mesma caixa. Ficou na dele.

A gente sabia que o negócio do Bala era tomar o lugar do Que Fedor e mandar no pedaço. Podia ser bom pra quem estivesse chegando na comuna agora, mas a gente, que o conhece desde que ele chegou aqui, sabe muito bem que dar asas ao Bala é o maior perigo. Maravilha não se interessa pelo que eu acho ou não acho. Diz que, cada dia que passa, está mais perto de voltar pra casa.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

● 20

CASTANHA OU AMENDOIM?

NO RESTAURANTE DO PORTUGUÊS, levo menos da metade do que ganho. Ele tira a comissão dele. Nunca perguntei quanto é pra não perder o bico (Maravilha me garantiu que passa de quarenta por cento). Pra ficar tranquilo, deixo o resto na mão do guarda. Na rua é, de um lado, o deus do céu do cagaço e, do outro, o guarda. É a lei.

Sempre me esforço pra vender mais. Pensa que é fácil oferecer rosas a um casal que acabou de chegar ao restaurante? Não é, não, e eu provo. Mais difícil ainda é oferecer castanha e amendoim. Inventei mais essa. Tô me dando bem.

— Estás a me surpreender, moleque.

O português repete isso toda vez que conta o dinheiro das vendas. Oferecer bagulhos nas mesas dos restaurantes parece ser mesmo trabalho pra pivete. A gente tem o costume de ver, de maldar tudo. Isso ajuda.

— A maldade é que segura a nossa parada — disse o Coelho.

Moleque esperto, merece o nome que tem. Vai ser um do contra, ruim de encarar. Bala Perdida que se cuide.

Aprendi que rosas são um presente que toda mulher curte. Mas nunca se deve oferecer a flor pra ela, assim, diretamente. O segredo é chegar no cara, na moral.

— O senhor não acha que ela merece esta flor?

Eu mesmo bolei esse bordão. Já vi moleque levar na cara quando diz:

— Não quer dar uma flor pra sua namorada?

Pode ser namorada, mas também pode ser filha, sogra, a outra ou sei lá mais o quê.

Todas as noites vendo umas três dúzias de rosas. Tirando o lucro de uma dúzia, que é o dinheiro pra molhar a mão do guarda, mais a comissão do português, torro o resto naquentinha. Claro que ainda guardo algum pra quando virar sujeito-homem.

Vendo também castanha e amendoim.

— Olha cá, ó moleque. A castanha tu ofereces aos casais mais novos e o amendoim aos da terceira idade. Estás a me entender?

Entendo, mas não obedeço. Troco, destroco. Dá certo. Dou a ideia de colocar uma camisinha perto da porção de amendoim. O português bronqueia.

— Estás a abusar da minha bondade, ó pivete?

Faço o que penso. Dá certo. Ganho mais dinheiro. E, por tabela, o português, o guarda e até Maravilha, que me ajudou a bolar a ideia das camisinhas com o amendoim.

Ele falou assim de zoação. Levei a sério.

● 21

LICENÇA

MARAVILHA COMPROU UM ÁLBUM de fotografias. Álbum pequeno, bem pequeno, pra não dar na vista. Colou um punhado de recortes de jornal. Alguns com fotos, outros só com letrinhas muito pequenas. Sempre o mesmo assunto. Fotos e mais fotos do tal casal que ele jurava ser seus pais. Acordou feliz como nunca. Tão feliz que nem prestou atenção no caminhão da limpeza. Levou uma cacetada nas costas pra sair do caminho. Caiu no chão. Sangrou pela boca. O álbum foi parar longe. Peguei-o antes que o guarda visse.

Arrastei Maravilha até a banca do italiano Benício, o Benê. Quando viu sangue na roupa do Maravilha, deu na gente um passa-fora. Maravilha forçou a barra, implorou. Benê disfarçou, pegou o álbum e se como-veu. Pegou, e virou, e revirou, e cheirou. Não sei por que os adultos sempre cheiram as coisas da gente. Daí se convenceu. Então deu água ao Maravilha, que em nenhum momento perdeu aquele ar besta de alegria. Ainda cambaleando e reclamando da dor nas costas, me pediu que o levasse ao aeroporto. Seus pais passariam por lá naquela tarde.

Só então notei que ele estava de roupa nova. Pena que o sangue tivesse manchado a frente da camisa, mas nada que um pouco de sabão de coco e água morna não resolvessem. Fomos até o Adegas Bar. Entramos pela cozinha. O pessoal da faxina limpou a camisa dele, não sem antes perguntar quem tinha feito aquilo, como e por quê? Apenas curiosidade, ninguém faria nada mesmo. Maravilha só falou da certeza de encontrar seus pais. Aí vimos como as pessoas de bem sentem prazer em ficar ao lado dos esperançosos. Basta ter um brilho nos olhos ou alguma certeza nas mãos que as portas começam a se abrir. Maravilha mantinha o sorriso no rosto e o álbum colado ao peito. Acho que era também por isso que a gente não se interessava em ir fundo pra saber a verdade sobre os pais bacanas que ele dizia ter. Verdade ou fantasia, o fato é que aquela história o ajudava a suportar muita coisa.

A segunda parte do plano era chegar ao aeroporto. Manhã, tarde ou noite, pra chegar lá a gente tinha que pedir licença a Lia Moura. Chamei “meu” guarda, que quis saber a razão de tudo. Contei o caso a ele, que prometeu ajudar desde que eu molhasse sua mão com um pouquinho mais. Maravilha fez o cálculo: nós lhe daríamos metade do que ganhássemos durante duas noites se ele conseguisse a licença da Lia Moura. O guarda disse que topava, desde que lhe déssemos metade dos nossos ganhos por... duas semanas. Sem isso, ele garantia apenas a licença da ida. Mesmo assim, de um só.

Maravilha não tinha mais argumento nem dinheiro. Ele havia gastado tudo comprando o álbum

e a roupa nova. Depois do que tinha passado, duvidou que quisesse dormir outra noite na marquise. Eu tava com ele. Jurou que os pais chegariam naquele dia, no voo das treze horas. Não podia dispensar o guarda, precisava dele pra entrar no aeroporto. Lá vinha o sujeito, eu esperava que trouxesse a licença. OK. Beleza. Positivo e operante. A gente tava pagando e queria garantia.

— Tá exigindo muito, Pivetim. Pra isso tem que pagar.

— Tá combinado. Eu pago.

— Adiantado.

Dei dez. Pediu vinte. Dei vinte.

— Isto é o preço de apenas um.

Dei cinquenta. Devia uma ao Maravilha. Não tem erro, “meu” guarda até faz segurança pessoal. Caminhamos devagar. Fora do nosso território tudo era novo. O medo também. O guarda nos acompanhava de perto. Falava soprando, sem olhar pra gente:

— Disfarça, desgraçado. Não olha, não olha. Em frente, em frente, pra esquerda, pra direita, atravessa, vira, pra esquerda, em frente, em frente...

Impossível não notar um rosto em cada esquina. Impossível não sentir a mão de Lia Moura, pesada de anéis, comandando seus moleques. Impossível não sentir medo. Finalmente chegamos ao aeroporto meia hora antes do desembarque.

— Quem fica e quem volta? Aqui tá limpo. Lá fora é que o bicho pega. Dona Lia não quer ninguém zanzando na área dela sem uma autoridade presente.

E se o voo não viesse? E se a espera fosse mais uma das tantas com que Maravilha sonhou esses anos todos?

— E aí? Quem vai? Tenho hora. Estou de serviço.

Maravilha me olhou. Sem o hábito do carinho, a gente não se abraçou. Apenas um toque de mãos, comum, coisa de quem vive na rua. Na despedida, ele bateu de leve nas minhas costas. Fiz o mesmo com ele. No ombro ferido. Sem querer. Ele se encolheu, contraiu o rosto.

Dor? Medo? Medo? Dor?


Morrerei sem saber.


● 22

MANOS

COELHO MAIS VENTURA, Cai-Cai, Formiga e Sacode, seus quatro companheiros, agora dividem a marquise comigo. Têm quase a mesma idade. Foram criados no mesmo bairro e vieram pra rua a fim de escapar do tráfico. Eram a bola da vez. Fugiram. Algum otário pagou por eles. Os *home* sabem, tão de olho. Não muito perto, pra não passar atestado de cupincha, de *brodagem*, nem longe a ponto de perder os peixinhos pra outra rede.

Bem-nascidos e bem guardados, os moleques planejam fazer desta comuna uma filial do morro. São manos. Aprendem comigo e com Bala Perdida, um aprendizado que leva tempo. Serei marcado por eles, eu sei. Bala não tá nem aí.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

● 23

COBRANÇA

ESTOU DORMINDO NA COZINHA do Adegas Bar. Avisei aos manos pra não parecer cagaço — não posso fugir da raia. Assim, tento evitar o sinal, a sentença que a rua dá ao covarde. Se não avisar que tô na área, um dia posso encontrar meu espaço marcado com as cinzas da cama de papelão. Fogo é alerta de limpeza. É o sinal. Sujou, ali não durmo mais.

Pedi ao Que Fedor pra se juntar aos manos sob a marquise. Pelo sim, pelo não, ele ficou lá, no cantinho que deixaram pra ele. Que Fedor não reage, e os manos estão mandando. Quem ainda segura a barra é Bala Perdida, que intimida com a cicatriz na cabeça. É pouco. Já vi um dos manos tirar a camisa e mostrar a cicatriz de uma bala que varou a barriga de lado a lado. Aqui fala mais alto quem exhibe melhor sua desgraça.

Os manos não me metem medo; “meu” guarda, sim. Desde que comecei a molhar a mão dele com mais grana, cresceu ainda mais o olho, que já era grande. Ele marca em cima, deve ter mais de um mês que cobra e leva cinquenta por cento do meu ganho. Além das rosas, do amendoim e da castanha, agora ajudo a lavar os

pratos do restaurante pra faturar mais algum. O bico que faço na cozinha, recebo por fora. Os cozinheiros me dão a grana. Limpinha. Assim, o português não leva nada, mas o guarda sabe do esquema. Tá de olho. Cobra cada centavo. Até quando?

Ele sabe; eu não.

● 24

BRODAGEM

— TU É OTÁRIO, Pivetim?

Eu sabia que seria essa a reação dos manos quando contasse por que dormia fora da marquise. Não tinha mais como esconder. Cada dia que passava, Que Fedor era só mais uma sombra catando sobras de comida na área da comuna. Bala Perdida tinha costas quentes e não pretendia abrir mão do que isso lhe garantia.

— Sai dessa, *bróder!* Entrega o guardinha pra nós, mano!

Coelho, Ventura, Cai-Cai, Formiga e Sacode falam a mesma língua. Se entrego o guardinha pra eles, me livro de um e passo a dever a cinco. Nada feito, não topo.

— Fica tudo na *brodagem*, mano. Tu não deve nada. A gente vai lá, conversa com o guardinha e fica na moral. Fechado?

Olho as cinco mãos abertas na minha frente. Se tocar nelas, tá fechado. Está assinada a sentença de morte do “meu” guarda. Se recusar, acaba a *brodagem*; ganho cinco inimigos.

— Vai, mano! Pintou cagaço? Vai, toca aqui.

Falam ao mesmo tempo. Não posso piscar nem olhar em volta pedindo apoio a alguém. Cadê você, Carol?

Penso com tanto desespero que tremo ao imaginar que meu pensamento foi ouvido.

— Amarela não, mano!

Errei ao contar um de meus segredos aos manos. Pior seria se ficassem sabendo que tenho *brodagem* com o guarda. E agora? Olho os cinco nos olhos. Toco as mãos de cada um com força. Eles me abraçam. Seus corpos são secos, duros. Cheiram mal.

Cheiro da morte.

● 25

FEBRE

DOIS DIAS COM FEBRE me afastaram da venda de rosas, amendoim e castanha. Consequência de dormir no chão da cozinha do Adegas Bar. Tento resistir sozinho, botar jornal na boca pra não bater os dentes durante a convulsão causada pela febre. Não posso chamar a atenção dos manos, vão querer cuidar de mim. Não quero ficar devendo mais essa a eles.

Sofro.

Sozinho.

No terceiro dia, “meu” guarda vem me ver. De madrugada, antes que o caminhão da limpeza chegue. Ele me acorda, enfiando aqui a ponta do cassetete. Eu me encolho, ele bate, e bate, e bate. Grito. Os manos acordam, se juntam e fazem parede pra me proteger.

— Tá limpo, tá limpo, molecada. Minha parada é com ele. Circulando, circulando!

Tento me levantar, me explicar. A voz não sai. A garganta queima feito fogo. Duas cacetadas em cada joelho me deixam de quatro na frente do guarda.

— Tá de molecagem comigo, Pivetim? Trato é trato. Hoje à noite é bom tu voltar pro batente. O

portuga não tem muita paciência. A minha já acabou faz tempo.

Na despedida, um chute na barriga. O vômito com catarro espirra em revide.

— Porco desgraçado! Se me acerta, te mato.

Eu me arrasto até o chafariz da praça. Não me importo se me olham, se me pegam pelo caminho. Eu me arrasto e me joga dentro da água. Fico lá como se no mundo só eu existisse. Mas logo caio na real quando abro os olhos e vejo cinco corpos fazendo parede pra me dar segurança. São os manos. Não adianta negar, agora devo aos seis.

● 26

LIMPEZA

— VAMOS FAZER AQUELE GUARDINHA na semana que vem.

— Não precisa. É caso meu. Dou um jeito.

— Sem essa, Pivetim. O cara é muito folgado, invadiu nossa área. A gente manja esse tipo. Aquele guarda não me engana, já vi a figura lá no morro.

— É problema meu, já falei.

— Pivetim, tu é mano ou não é? Tem essa não, *bróder*: seu problema é nosso também.

— A gente não pode sujar a área.


— Tá limpo, mano. A gente faz na limpeza. Vem junto pra conferir.


— A gente se fala depois. Vou voltar pro batente hoje à noite.

— Não peida, não, mano. Tamo na área.

— Falou.

— Isso aí, mano. Cuida do seu batente que o guardinha já é nosso.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

● 27

LIMPEZA DOIS

INVOQUEI A FOME e ela me deu forças pra encarar o batente a noite toda. Botei tudo o que ganhei na mão do guarda. Trabalhei o resto da semana só pelas quentinhas. Voltava pra dormir debaixo da marquise toda noite. Já encontrava minha caixa preparada. Os manos ali do lado. Perigo no ar: eles tavam dominando a comuna.

— Amanhã é o dia, mano. A gente se entende com o guardinha, falou?

Não respondi. De longe vi Que Fedor vomitar um bolo de comida do tamanho de uma bola de tênis, depois se curvar sobre a barriga e cair pro lado revirando os olhos. Corri até ele, os manos ficaram de longe. Apoiei a cabeça do velho com uma das mãos. Sem que notassem, enfiei a outra na quentinha e senti no fundo dela o volume que denunciava o engasgo.

— Pô, mano, cara mais porcão. A gente trouxe a comida pra ele na moral e ele vomita o bagulho todo.

— Agora só falta ele morrer aqui e sujar nossa barra — falei, pra não levantar suspeitas.

— Vamos limpar a área, manos.

Coelho se meteu num dos becos. Voltou minutos depois, acompanhado de dois guardas, que olharam, olharam, saíram, voltaram. Enfiaram o corpo num saco plástico. Um barulho de motor roncou na noite. Formiga pegou a quentinha e despejou o resto no bueiro. Um balde d'água saiu não sei de onde e lavou o vômito e o sangue.

— Limpeza, mano.

Pulei a grade do parque e mergulhei de cabeça na água fria. Fiquei lá até chorar tudo o que tinha segurado até aquele momento. Chorei por minha vó, Felicidade Franca dos Prazeres, por minha mãe, Dolores, por meu pai, Antero, por minha irmã, Célia, e meus irmãos, Gustavo, Jorge, Marcelo e Flavinho. Por Dimba, Maravilha e Carol.

● 28

MANO A MANO

— CAI FORA DAÍ, vacilão! Se levanta pra levar porrada. Bala Perdida partiu pra cima. A gente se pegou no ar.

— Se segura aí, *mermão*.

— Os manos tão tomando conta da comuna, Pive-tim. *Cumé* que tu deu esse mole?

— Pera aí, Bala, te cantaram a ficha errada!

Ele apertou meu pescoço. Preparado pro pior, encoste-i a ponta do furete na barriga dele. Bala afrouxou.

— Tá me estranhando, desgraçado?

— Você chegou batendo. Só me defendi.

— Tá de que lado, Pivetim?

— Sem essa, Bala. Precisamos conversar.

— Fala logo, pô.

— Longe daqui.

Pulamos as grades da praça, de volta pra marquise. Cada um calou o ódio e a dor entre as paredes de sua caixa. Com um olho aberto e outro sacando os manos, mal dormimos aquela noite. Acordei debaixo da água do caminhão da limpeza. Sozinho. Escutei um assovio. Bala Perdida estava com meio rosto no prédio da outra esquina. Fui até lá. Ele pediu que eu esticasse a mão. Bati nela com um toque amigo.

— Aí, vai, me desculpa. Foi mal ontem. Precisava brigar com alguém. Mataram o velho. Os manos estão indo longe demais. Falei com meu pessoal, e me garantiram que vão tirar eles da área hoje à noite. São barra-pesada, Pivetim. Não vejo a hora de chamar esse tal Coelho prum mano a mano.

Ouvi sem falar nada. Bala Perdida entrou no prédio. Foi a última vez que o vi.

● 29

DEFENSA

CHEGUEI AO ADEGAS BAR às oito em ponto. Atrasado. O português me avisou que o balde com as rosas já estava na cozinha e as flores deveriam ser embaladas uma a uma. Sorte a minha que hoje já produzem rosas sem espinhos, porque, em menos de meia hora, embrulhei quatro dúzias no papel celofane e coloquei os laços de fita. Separei a castanha, o amendoim e comecei a visitar as mesas. Trabalhei tanto que nem senti o peso dos olhos do guarda atrás de mim cobrando produção. Nem notei.

— Aí, mano. Cuida do batente que o guardinha é nosso.

Aquela era a noite em que os manos haviam prometido fazer a limpeza. A dor no corpo tinha voltado. Fui até a cozinha, bebi água. Pra começar a lavar os pratos, esperei o português fechar o caixa, me pagar e sair.

Serviço pronto e pago, estava me preparando pra ir embora quando bateram à porta. Não estava sozinho. Mariana, a faxineira, abriu.

— Pivetim, é com você.

Apertei o corpo contra o balcão, sempre na *defensa*.

— Já dei o recado. Vou nessa.

Mariana saiu. Carol entrou.

— Medrou, moleque?

Fraqueza do batente ou porrada na cabeça? Não sei. O cheiro de álcool queimou meu nariz. Pulei tossindo. Uma mão forte me apertou contra a cama, obrigando-me a ficar. Olhei em volta: cinco homens. Altos, fortes, calados. Eles me vigiavam.

• • •

Onde eu estava? Não sabia. Só me lembrava da porta abrindo, de Mariana saindo e de Carol entrando. Verdade? Não sei. Minha mãe costumava dizer que, quando a gente muito quer, vê coisas. Quando falta cachorro, até pedra late. Não sei. O peito e a cabeça doíam. Muito. Ouvi vozes, mas não eram de fome — elas não me davam força. Vinham de fora, várias vozes. De muita gente.

— Aí, maluco. Rolou a maior *churrasca* no berçário.

— Tô sabendo.

— Queimaram os caras bonitinho.

— Quem fez o serviço?

— Sei não, maluco. Nem quero saber.

— Limparam a área.

— Sujou geral. Vai ficar manjado.

— É, vai ser ruim malandro se firmar no berçário.

— Tem que esperar a poeira baixar.

— Que poeira, maluco! É fumaça.

— Pô, *mermão*, num brinca com a desgraça dos outros.

- Quem dançou?
- Uns carinhas *pinta-braba* que tavam tomando a área.
- Gente nossa?
- Não. Da comuna rival, do outro lado da linha do metrô.
- Quem mandou fazer a *churrasca*?
- Sei lá, maluco. Os *home* tão batendo nas comunas. A da Lia Moura foi a primeira que rodou geral.
- Ela foi pega?
- É ruim, hein, meu camarada! A mulher é o diabo. Sumiu.
- Aí, maluco, tenho pra mim que essa mulher nem existe.
- Duvida? Passa lá e mexe com um dos pivetes dela pra tu ver, malandro.
- Lia Moura é como a lei: a gente não vê, mas duvidou o cacete come.
- Tão falando que a *churrasca* foi armada, que ninguém morreu. Armaram só pra despistar os *home*.
- Fala merda não, mano. Acharam um corpo.
- De moleque?
- E eu lá sou da perícia pra saber?
- Nem tem como, maluco. Caiu na *churrasca*, vira carvão. Cachorro, gente, homem, mulher, velho, menino, fica tudo no carvão.
- Verdade. Lembra daquela *churrasca* no *shopping* da Maré?
- Claro.

— Pois é. Aquele mendigo vivia enchendo o saco dos donos das lojas.

— Que mendigo?

— Aquele lá, maluco. Lembro o nome não. Só sei que tinha uns oito cachorros pra segurança dele.

— Ih, me lembro. Nenhum pivete chegava perto.

— Pois é. Aí os comerciantes armaram aquela *churrasca*. Torraram o mendigo com a cachorrada toda. Dizem que até hoje a perícia ainda não conseguiu separar cinza de cachorro de cinza de gente.

— Sinistro, maluco.

A porta se abriu. Os homens e todas as vozes que estavam lá fora lotaram o barraco. Eu estava deitado no centro da roda. Na *defensa*. Cruzei as mãos sobre a barriga.

— E esse aí, maluco?

— Deixa quieto. Não sabe nem deve saber onde tá. O homem pediu pra cuidar dele. Ele vai decidir. Bota comida, água, tranca a porta e arma o *big bróder*.


Big bróder é como chamam a treta pra impedir que alguém descubra onde está preso. Tapam as janelas e as portas com plástico preto pra que não se saiba se é dia ou noite.


Um som de tevê, bem longe, mas alto, falava do incêndio na marquise do Centro:

Esta noite a cidade foi despertada por um incêndio criminoso ocorrido no Centro. O fogo começou por volta da meia-noite e durou até a madrugada. O corpo de bombeiros conseguiu debelar

as chamas às duas da manhã. A perícia ainda não liberou comunicado revelando a causa do incêndio. No local foi encontrado um corpo carbonizado, ainda não identificado. Felizmente não houve danos materiais e o comércio funciona normalmente. E agora, a previsão do tempo para hoje...

De quem seria o corpo? De um dos manos? Se fosse, de qual deles?

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

● 30

DIA SEGUINTE

O ÚNICO BICO DE LUZ, fraquinha, fica aceso o tempo todo. Impossível saber se é noite ou dia. Pelo buraco da porta me passam a quentinha e um fresco de caju. Abro, cheiro, provo. Mesmo com a carne assada por cima, espeto o garfo pra sentir se tem engasgo no fundo. Tá limpo. Como. O barraco é pequeno, só tem mesmo este cubículo e a privada com chuveiro. Eu me lavo no escuro. Banho não dá pra tomar. O sabão não faz espuma e tenho medo de eles acharem que estão me dando moleza. Estou no cativeiro.

A polícia ainda investiga as causas do incêndio que ocorreu no Centro da cidade na madrugada de ontem. A segurança foi reforçada no local. Até agora, o Instituto Médico Legal não liberou informações sobre a vítima encontrada entre as cinzas. De lá, fala ao vivo a repórter Lília Crivellari.


— Estamos exatamente sob a marquise onde, entre meia-noite e duas da madrugada de ontem, ocorreu um incêndio que ocasionou a morte de


uma pessoa, até agora não identificada. Neste local dormia um grupo de meninos de rua. Segundo testemunhas, na noite de ontem não havia nenhuma criança. Vamos agora ouvir uma das testemunhas...

● 31

OUTRO DIA

A CARNE NÃO ESTÁ em cima da quentinha. Espeto o garfo, sinto a resistência no fundo. Espeto e puxo: bife de fígado malpassado. Cheiro. Acebolado. Aprendi no Adegas que uma boa dica é colocar o bife de fígado sempre no fundo do prato, porque o sangue que ele solta pode sujar todo o arroz. Hoje, o suco é de maracujá. O sono vem e não resisto.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

● 32


MAIS UM


PEIXE FRITO COM MACARRÃO, maionese e bolinho de carne. Refrigerante geladinho. Doce de leite com requeijão. Hoje capricharam no rango.

Minha vó Felicidade contou uma vez a história de duas crianças que se perderam no mato. Andaram dias e dias até encontrar um barraco feito de doces. O telhado de biscoito, as portas de chocolate, as paredes de doce de leite e por aí vai. Então as crianças, Joãozinho e Maria, começaram a comer o barraco. Estavam ali no bem-bom quando chegou a dona da casa — uma bruxa sinistra, cabulosa, que, ao contrário do que se esperava, não bateu nem detonou os moleques.

Pegou os dois e levou prum quartinho no fundo do barraco, onde os prendeu. Foram alimentados dia e noite. Comida boa todos os dias, pra que ficassem bem fortes e gordinhos. Maria e Joãozinho não desconfiavam de nada, mas a bruxa tinha um plano. Ela os engordava para devorá-los na ceia de Natal.

Merda, por que fui me lembrar disso agora? Corro pro vaso e vomito todo o rango.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

● 33

OUTRO

A polícia ainda não tem pista das causas do incêndio que ocorreu mês passado no centro comercial da cidade. As investigações prosseguem e, pouco a pouco, a clientela volta a se sentir segura para frequentar a área.

A repórter Carla Takazuki fala ao vivo do local.

— Bom dia, Carla. Como está a situação hoje, um mês após a tragédia que chocou a cidade?

— Bom dia, Adelaide. O clima não podia estar melhor. Depois da gincana cultural promovida ontem pela associação de moradores do Centro, a marquise sob a qual ocorreu o incêndio nem parece a mesma. Foi remodelada, pintada por artistas plásticos e jovens grafiteiros. A segurança foi reforçada. A clientela voltou e o comércio está funcionando normalmente.

Um dado curioso apurado pela reportagem, Adelaide: aqui, segundo os comerciantes, há anos os restaurantes de luxo e os meninos de rua convivem pacificamente. A população não reclama

deles, porque são ordeiros e prestam pequenos serviços aos lojistas.

Na realidade, segundo os comerciantes, os meninos moram longe do Centro e só vêm para cá antes ou depois das aulas, em busca de uma oportunidade que nunca teriam no subúrbio.

Vamos conversar agora com Maria Zilda Couto, que é psicóloga e coordenadora da ONG Ó que Saudades que Eu tenho da Aurora da Minha Vida. Ela vai falar sobre a delicada questão do trabalho infantil.

— Bom dia, doutora Maria...

● 34

OU...

O SOL CHAPADO NA CARA me cega. Arregalo os olhos tentando me fixar em algo, mas nada vejo. Os desgraçados me cegaram.

— O homem mandou liberar o pivete.

— Assim, sem mais nem menos?

— Ordem é ordem, maluco.

— Agora o homem tá dando mole pra malandro?

— Pergunta pra ele. Tá descendo aí.

— Zoação, mano. Brincadeira, tá me estranhando?

— Vai logo. Libera o pivete.

— Onde?

— Sei lá. Tanto faz. Solta ele aqui, solta lá no asfalto. Vai achar o rumo.

— Sei não. Pode sair por aí falando demais, dando o serviço aqui da rapaziada.

— Endoidou, maluco. Cala essa boca, o moleque vai te ouvir. Ele tá saindo do *big bróder*: tá cego, não surdo. Vai, solta logo o pivete.

— Ceguinho assim mesmo?

— Tá com peninha? Vai dar uma de Madre Teresa, maluco?

— O moleque é peixinho do homem?

— Quero nem saber. Se fosse, não mandava soltar na rua. Vai logo que o papo tá se esticando demais, maluco. Não demora muito, senão o moleque volta a enxergar.

• • •

Menos mal. Tento me apoiar em algo, inclino-me em direção às vozes. Uma pancada na cabeça me faz lamber poeira. Se dormi ou desmaiei, não sei. Acordo de bruços. O cheiro de óleo queimado e o barulho de trânsito mostram que estou no acostamento. Sento no meio-fio até que os olhos se acostumem à luz. Vejo sombras, depois vultos e, finalmente, gente e carros. Os prédios lá longe me mostram mais ou menos onde estive e onde estou.

Pra não levantar suspeitas, ando como se conhecesse o local: sem pressa, sem olhar pros lados, assobiando, acenando a desconhecidos. Cheguei ao berçário à noite. Parece outro lugar. Vigio, sondo, pulo a grade da praça. Procuo o furete e a grana mixa que escondi junto. Acho, pego, caio fora.

A marquise está limpa, pintada. Nenhuma caixa de papelão. Dois policiais, um em cada ponta, andam de lá pra cá. Não sei aonde ir nem o que fazer.

● 35

O MURO

A CASA DE SEU ALBANO ficava no pé do morro, a uma quadra do asfalto. Meu pai contava que, antes do primeiro barraco ser feito aqui, ela já existia como é hoje. Fica atrás de um jardim com muitas árvores, mas dá pra ver as janelas da frente, que nunca estão abertas. Não entra nem sai ninguém. Já vigiei, é verdade. De vez em quando, um velhinho anda entre as árvores, varre folhas secas do gramado e some. Dizem que é seu Albano ou o fantasma dele. A gente acredita nas duas coisas.

Meu pai dizia que a casa de seu Albano tem o pé-direito muito alto. Imaginei então que lá dentro morasse um gigante, mas, quando comecei a entender as coisas, percebi que seu Albano, ou quem quer que morasse na casa, fazia questão de manter o mistério só pra afastar os curiosos.

O velhinho que limpa a grama (e some entre as árvores) e a casa grande de janelas sempre fechadas não chamam mais minha atenção do que o muro de pedra, alto, escuro. Ele cerca o quintal e metade do quarteirão. Sobre ele, nosso encanto. As galhadas

da mangueira, da goiabeira, do cajueiro, repletas de frutos duas vezes por ano? Nada disso.

Nosso encanto eram os cacos de vidro sobre o muro. Pontudos, cortantes, de todas as cores e tamanhos, eles guardavam a casa de seu Albano. Quem falava assim eram os mais velhos, mas, pra mim e pra molecada, que adorava contornar a casa pra olhar os cacos de cima, o que eles guardavam mesmo era o lado mais bonito da nossa fantasia.

Amarelos, marrons (Zecão, o mais velho da turma, falava “âmbar” em vez de “marrom”), verdes, transparentes, amarelos, azuis. As pontas de garrafa partidas ao meio, as lâminas espelhadas apontando pra cima transportavam nossos olhos e nossa curiosidade pra dentro e pra fora do casarão de seu Albano. Não importava que ele nunca abrisse o portão de ferro, não importava que nunca nos desse um sorriso nem nos mostrasse os cinco carros que, diziam, guardava na garagem. Nada disso nos interessava, apenas o muro e os cacos de vidro.


Minha mãe mandava a gente se afastar de lá. Mas como poderíamos nos afastar se, de manhã, quando o sol vinha clareando tudo, os vidros pareciam brigar pra ver quem brilhava mais, quem botava a cor mais bonita lá em cima ou na calçada? À tarde era a mesma coisa, mas ao contrário, pois as luzes vinham de fora pra dentro, brincando nas folhas das árvores, colorindo o gramado sempre limpo.


Não sei quantas vezes segurei espirro e suporfei febre, depois de pegar chuva violenta, só pelo prazer

de ouvir a água tinindo aqui e ali nos cacos de garrafa. Música, música. Cada moleque tinha seu pedaço de muro e apostava qual deles cantaria mais bonito. Na manhã seguinte, novamente o sol atravessava a água, aprontando travessuras na calçada.

Não adiantava dizerem que era maldade seu Albano ter feito um muro tão alto pra se proteger da gente do morro. Coitado. Se construiu a própria cadeia, nem imaginava que a chave estava com a gente, como sempre esteve. E vai estar.

A vida inteira.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida


● 36


VEJO

— ONDE TE METESTE, ó miúdo? Se quiseres, podes ficar por aí vendendo as rosas. Os fregueses gostam mesmo de ti. Mas dormir aqui está fora de cogitação, me entendes? Depois daquele incêndio, tem muita gente fazendo perguntas. Mudou tudo, pivete, não vês?

Vejo. Todas as fachadas dos restaurantes foram pintadas. Várias patrulhinhas circulam e param nas esquinas. Os *home* me olham e tentam chegar perto. O português acena de longe. Passo livre. Mantive meu São Betinho, meu gado. Vou cuidar bem dele.

A duas quadras daqui fica o restaurante do Amador. Preciso passar lá, saber o que aconteceu com os manos. Fica pra outro dia. Vou trabalhar hoje à noite e esperar Mariana chegar pra saber dela o que aconteceu naquela noite, se Carol esteve ou não esteve aqui.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

● 37

BUSCA

— O PATRÃO NÃO TE CONTOU? Mariana não trabalha mais aqui, não. Foi embora depois daquela noite.

— Despedida?

— Não. Ela trabalha numa firma de limpeza que presta serviço aos restaurantes. O patrão não deve ter renovado o contrato, a firma parou de prestar serviço. Agora é outra.

— Como posso me encontrar com ela?

— É fácil. A empresa onde ela trabalha faz faxina no restaurante do Amador, na outra quadra.

— Sei onde é.

Não quero ser visto pelo Amador nem pelos cozinheiros dele e muito menos pelos fregueses. Acabo rápido o serviço no Adegas Bar e monto guarda do outro lado da rua. Em lugar onde circula muita gente, pra ser visto, pra não levantar suspeitas, tendo testemunhas a meu favor.

O restaurante fecha. Chega a *van* trazendo a turma da faxina. Olho, procuro; Mariana não está no meio deles. Ainda não comi nada. Busco forças: a fome responde, me empurra. Atravesso a rua quando o sinal fecha

e muita gente vem comigo. Antes era bonito cruzar a rua com o sinal aberto, driblando os carros. Agora, não; todo cuidado é pouco.

Conheço alguns da faxina. Pergunto por Mariana e me viram as costas. Fingem que não me veem. Estou invisível. É bom estar assim.

● 38

POMBOS

VOLTEI A DORMIR na cozinha do Adegas Bar. O português não sabe, só os cozinheiros. Deito tarde, depois de ajudar a lavar os pratos. Sem grana, desta vez. Batalho por cama e comida. Levanto cedo, assim que passa o caminhão de lixo. Saio pela porta pequena de onde os latões são retirados e fico andando por aí até o dia se firmar. O caminho é o mesmo de quando dormia debaixo da marquise.

Vou até o largo onde o velho alimenta os pombos. Gosto de ficar no meio deles, mas é o velho que me chama mais a atenção. Está sempre lá, como se morasse entre os pombos ou descesse do céu só pra tratar deles. Durante muito tempo acreditei nisso. Não sei seu nome, está sempre vestido de branco. Todo de branco, do cabelo ao sapato. Traz uma sacola grande cheia de milho e uma cadeira de armar. Olha os pombos nas árvores e nas beiradas das marquises, mas não se importa se vão pousar nele e sujar sua roupa bonita. Vai até o meio do largo, forra o chão com jornal, depois despeja o milho.

Os pombos ficam olhando, fazendo aquele barulho esquisito que só os pombos fazem. Depois o velho

volta devagar, arma a cadeira e se senta. Bate palmas. Os pombos descem aos montes. O barulho é estranho. Limpam o chão e vão embora. O velho recolhe o jornal, bota tudo de novo na sacola, desarma a cadeira e se perde no meio do povo. Sem olhar pra trás nem esperar que algum pombo lhe agradeça.

Carol falava que ele era o São Betinho dos pombos. Quando quero pensar coisas boas, sempre venho aqui olhar o velho. Como hoje.

Outra maneira de esticar o tempo são as bancas de jornal. Os italianos sabem que aprendo olhando as capas dos jornais e das revistas e tem até um, seu Nicola, chamado por nós de Nini, que bota no mostruário revistas de criança pra gente olhar de longe. Nunca permite que pivete ponha a mão nelas. Tem medo de que, agradando a um, venha todo o resto e espante os fregueses. Tudo bem, a gente entende. Compreendo e fico lá, esperando ele pendurar as revistas, uma a uma.

Hoje ele caprichou. Parece contente com minha volta, faz então uma carreira de revistas infantis, quase na altura do meu rosto. Não fala nada. Sempre em silêncio e de cara amarrada. Mas sorri com os olhos. Minha forma de agradecer ao seu Nini é demorar e demorar olhando as capas das revistas, mesmo que a cabeça já tenha adivinhado todos os segredos que elas ocultam.

Gosto das revistas, mas na rua o que interessa mesmo são os jornais. É a primeira lição que a gente aprende: ler as manchetes dos jornais. Depois dessa, é preciso abrir o ouvido pro que diz o rádio e, sempre que o


gerente se distrair, colar na vitrine das lojas de eletrodomésticos pra assistir ao telejornal.


É preciso fazer direito, pois os donos das lojas deixam o som das tevês bem baixinho. Quando nos veem chegando, abaixam todo o volume. Bobagem. A pive-tada pode ficar longe, até cinco metros, sem som nenhum, e é fácil adivinhar o que o locutor do jornal está falando. Basta observar como ele mexe a boca. Até à novela dá pra assistir assim.

A gente aprende esses macetes na rua. Por isso parecemos invisíveis — estamos sempre longe quando pinta perigo. É que ninguém faz nada sem aviso, por sua própria conta. Os *home* sempre decidem em dois, sempre conversam antes e, quando mexem a boca, a gente logo entende e cai fora. Sabedoria, *mermão*.

Só alguns guardas conhecem esse nosso talento — por isso conversam ao pé do ouvido, tapando a boca pra gente não ler, pra não entendermos o que dizem.

Esta manhã circulei pouco. Só fui ver o velho dos pombos e seu Nini, da banca. Depois segurei o resto do dia, tomando um refresco aqui, outro ali. Como não preciso mais dividir a grana com “meu” guarda, espero o fim do expediente da pensão Cê Se Serve pra comer o que quero. A comida é gostosa, caseira, boa e barata.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

● 39


BUSCA DOIS


NOITE PASSADA, na cozinha do Adegas, os cozinheiros falaram da Mariana. Da distância em que eu estava, lavando os pratos, só dava pra ler os lábios. Um deles perguntou se tinha notícias dela, o outro disse que não — a última era que ela ainda estava internada. Depois eles balançaram os ombros, como quem diz: “O que a gente tem com isso?”.

Internada? Por quê? Onde? Vigio novamente a porta da cozinha do restaurante do Amador. Quero saber da Mariana. Pergunto ao pessoal da faxina, que finge não me ver. Insisto, me mandam cair fora. Não caio, me mandam voltar amanhã. Volto.

Uma semana depois me passam o nome do hospital. Fica longe, na Zona Norte. Menos mal. Assim não vou ter que pagar pedágio pra entrar noutra comuna. O problema é pegar o ônibus, o metrô ou a *van* sozinho. Isso vejo depois. Sei onde Mariana está.

Guardo o endereço entre minhas tralhas como um tesouro precioso.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

● 40

TRALHAS

QUE AGONIA! No domingo, o Adegas Bar não abre. O Centro da cidade fica vazio e perigoso, qualquer vacilo pode ser o fim. Quando tinha minha turma, a gente passava o tempo rodando, zoando por aí. Lata de cola na mão só pra ganhar moral — usando uma morte pra encarar a outra. Sozinho, tudo fica mais difícil. Agora passo pela marquise sem medo de ser reconhecido. Não me imagino mais dormindo ali. Olho o local como se já fosse sujeito-homem. Como se fosse, porque nem sei ao certo quantos anos tenho. Qual é a data do meu aniversário?

Pra gente, aliás, saber a idade é como marcar o dia em que se vai morrer. Se pra pivete a vida na rua já pesa, quando vira sujeito-homem, o peso dobra. Por isso, desde que saí da reclusão, acordo todos os dias olhando meus pelos, conferindo. Aliso o queixo obsessivamente, sempre com medo de encontrar um fiapo de barba.

— Quantos anos tens, ó moleque? — o português sempre pergunta.

— Nove e meio...

Ele ri. Sabe que está sendo enganado. Também estou me enganando, porque não sei minha idade ao certo. Nem quero saber. Minha vó dizia que idade a gente não deve saber, deve sentir. Concordo. Mas já falei tanto que tinha nove e meio que ficou manjado. Hoje, quando os fregueses do Adegas me perguntam, respondo que vou fazer onze e meio. Não convenço. Nem quero, prefiro as risadas. Não quero despertar a curiosidade de algum espertinho que, de repente, pode pedir a certidão de nascimento ou puxar a calculadora pra fazer as contas. Tô fora.

Nove ou onze, o problema é meu. E pronto. Passar o domingo com fome, sem ter o que fazer ou com quem brincar não é nada bom. Até o meio-dia ainda vejo gente na rua. Daqui pra tarde, tudo é medo. O conselho do Que Fedor era que a gente escolhesse um canto de parede e se encolhesse nele, esperando o tempo passar. Tento, mas, com a barriga vazia, não dá. Olho em volta. Sou o único pivete na área. Tenho medo das sombras entre os prédios e dos fantasmas que, dizem, sobem dos bueiros pra puxar as pernas dos meninos. Também ficou mais difícil agora que não ando enturmado e perdi as tralhas que me davam tanta segurança. Por falar nisso, onde puseram minha tralha? Minha única tralha?

Mendigo ou menino de rua, a gente sempre carrega tralha. Coisa de criança, mas todo mundo tem. Tralhas, cacaréus, cacarecos — só quem tem sabe o valor.

Quando caí na rua, vim com a roupa do corpo: uma mão na frente, outra atrás; sem tralha nenhuma.

Ao conhecer Que Fedor, morri de inveja. Ele gostava de tirar anel de latinhas de cerveja e refrigerante, amarrar com barbante e pendurar no pescoço. Tinha mais de vinte cordões daqueles. Ninguém tocava. O velho virava o cão se a gente pedisse um cordão, mas ria feito criança quando recebia um daqueles anéis de presente.

Ficava horas com o chapéu virado pra cima, esperando pingar alguma esmola, enquanto enfiava os anéis no barbante. Gostava também de pegar copo descartável pra rasgar em tiras fininhas, bem fininhas, como uma flor. Furava o fundo com um prego, passava barbante e fazia um cordão só de flores de copo descartável. Falava que era colar havaiano e dava pras meninas. Carol ganhou dois.

De tampinhas de garrafas ele fazia uns broches bonitos e pregava na camisa. Aqui, este foi ele quem me deu. O chapéu, então, era todo enfeitado de continhas de plástico colorido e, enfim, de tudo o que ele achasse de brilhante e bonito no lixo do comércio. Mas as tralhas mais preciosas, que pouco mostrava, ficavam numa grande sacola de couro, que ele levava a tiracolo. Aquela bolsa era nossa tentação. Dentro dela havia, claro que havia, um tesouro.

Um dia, enquanto ele roncava depois de ter tomado meia garrafa de champanhe encontrada na lixeira do Amador, abrimos a bolsa e retiramos de dentro dela uma bola enorme, pesada, feita com o alumínio das quentinhas. Devia conter todas as

quentinhas comidas por ele na sua vida de mendigo. Vai ver era por isso que andava curvado sob o peso daquela sacola. Mas não havia só a bola. Debaixo dela, num envelope amarrado e sujo, estava escondido um tesouro ainda mais precioso. Maravilha o abriu, ameaçou ler pra nós, mas desistiu. Eram só documentos e uma foto de crianças. Quatro, duas meninas e dois moleques. Uma moça bonita na frente. Quem eram aquelas pessoas? Nunca descobrimos.


O velho acordou e enxotou a molecada toda dali, sentindo-se traído. Ficou um tempão sem olhar pra gente. Fizemos o mesmo — com vergonha, porque o tínhamos sacaneado. Uma noite, não contei pra ninguém, vi Que Fedor beijando a foto antes de dormir. Fazia isso todas as noites, menos naquela do engasgo. Não deve ter tido tempo. O que terão feito com as tralhas dele?


Já as tralhas do Maravilha eram recortes de jornal que juntava num saco plástico e um anel de lata que ele jurava ter ganhado da mãe. Bala Perdida tinha um pedaço de metal. Desafiava quem duvidasse ser o fragmento da bala que fez a cicatriz na sua cabeça e até brigava por causa disso.

Carol, que eu me lembre, não tinha tralha nenhuma. Nem ela nem Dimba. Eu, em contrapartida, tenho vergonha do que carrego como uma culpa eterna. É só esse pedaço do plástico que embrulhava um pedaço de doce de leite. Aquele doce pelo qual,

um dia, caindo na armação com meu cunhado, causei a infelicidade da minha avó.

Nem a vida que levo agora é tão amarga quanto aquele doce.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

● 41

GATOS

QUE DOMINGO LONGO! Preciso pensar numa maneira de visitar Mariana no hospital, mas não posso ir sozinho. Se sair daqui, sei que não volto mais. Mariana Safira da Silva é seu nome completo — um colega dela me deu. Agora só falta arranjar alguém pra ir comigo. Quem? Aproveito que já vem a noite e não tem ninguém por perto pra pular a grade da praça. Sempre fiz e continuo fazendo isso pro domingo passar mais rápido.

A praça é grande, tem muitas árvores e posso dormir seguro aqui. O vigia sempre fez vista grossa pra pivetada. Diz que também foi da rua e facilita tudo pra nós. E não é só ele; consigo comida fácil com dona Alfredina, a velha dos gatos. Ela conhece a gente, gosta de mim. Mais do meu silêncio do que da minha conversa. Nunca soube onde ela mora nem como chega aqui todos os domingos à noite. Também não vou perguntar. Como o velho dos pombos, ela deve ser a Santa Betinha dos gatos.

É magra, baixinha. Cabelo todo branco e preso atrás com fita cor-de-rosa. Desde que a conheço, ela penteia o cabelo daquele jeito e prende sempre com uma fita da

mesma cor. Deve ter muitas fitas, que parecem sempre novas. Ou deve mesmo ser santa, pois nada nela envelheceu nesse tempo todo. Que Fedor, que já era bem velho, dizia que chegou na comuna ainda menino e já conhecia dona Alfredina.

— Ah, conta outra! Só pode ser mentira — eu disse.

Mas só quem vê dona Alfredina de perto sabe que não é bom duvidar de nada do que se diz a seu respeito.

As mãos são pequenas, transparentes. Veias azuis, fininhas, em que parece correr sangue da mesma cor. As unhas miúdas, pintadas de vermelho. Lembro que minha irmã, Célia, pintava as unhas assim, mas as dela ficavam borradas, feias. As de dona Alfredina parecem que já nascem e crescem coloridas. Saem direto da pele rosada de seus dedos, brilhantes e certinhas. Servem pra fazer carinho na gente e cafuné nos gatos. Os olhos dela são claros. Juro que brilham no escuro, como olhos de gato, mas ninguém acredita.

Se reparo muito nos olhos de dona Alfredina, ela se perturba e vira as costas. Usa sempre o mesmo vestido de bolinhas azuis e cor-de-rosa, como a fita no cabelo, e sapatilhas de pano pra caminhar sem ruído, com patas de gato. A gente só sabia que era ela entrando na praça por dois motivos: primeiro, porque era domingo (ela nunca faltava); depois, porque sempre entrava devagarinho, empurrando o portão de trás. Trazia um isopor bem grande abraçado ao peito. Não sei como carregava aquilo. Nunca aceitava ajuda. Mesmo quando chovia, conseguia carregar o isopor, protegido sob a capa de

chuva amarela. Nessas ocasiões, ela trocava as sapatilhas por botas de plástico da mesma cor. Na verdade, pra mim, dona Alfredina é uma gata colorida que o domingo criou pra alegrar a vida da gente.

Estou sentado na praça, ansioso, esperando dona Alfredina. Não demora muito, a chave gira na fechadura. Ela me olha de longe. Para, observa, dá um passo à frente e recua dois, como uma gata conhecendo o chão onde pisa. Aceno, como sempre faço. Ela não responde. Nem pode: as mãos estão ocupadas segurando a caixa de isopor. Se sorriu com os olhos claros, não notei, porque a noite está clara e a luz do poste é muito forte.

Ela vem ao meu encontro. As mesmas roupas, o jeito do cabelo, as mãos, as unhas, o carinho. Senta-se perto de mim, abre o isopor. Tem sanduíches de atum e leite pros gatos. Pra mim também, é claro. Não pergunta pelos outros pivetes. Deve saber o destino de todos nós. Ela me olha bem de frente. Fico na *defensa*, recuo. Dona Alfredina segura meu queixo e me obriga a olhar fundo nos seus olhos claros. Olhos de gata, que me incomodam.

Ela então me deixa. Vira as costas e vai espalhando por toda a alameda pratos descartáveis com leite e pedaços de sanduíche. Gatos chegam de todos os cantos. Comem, bebem, se lambem, como eu. Vão embora, como estou indo. Eles se escondem e saltam as grades, como estou fazendo. Olho pra trás e dona Alfredina volta pela alameda recolhendo os pratos descartáveis, um a um. Ela me olha de lá, do canto mais sombrio da praça. Seus

olhos brilham forte. Não falei? Mais uma vez dona Alfredina encurtou e coloriu meu domingo.

O rango dá sono. Vou dormir na calçada de serviço do Adegas Bar. Por três horas apenas. A segunda-feira vai ser muito comprida.

● 42

PERNAMBUCO

ATAZANO, INCOMODO PERNAMBUCO, o cozinheiro mais velho do Adegas, até que ele aceite se fingir de meu pai e me acompanhe ao hospital onde Mariana está internada. Ele me pede um tempo até a folga dele, na quinta-feira. É cruel, mas torço pra que até lá Mariana não receba alta e possa me confirmar se, naquela noite, realmente foi Carol quem entrou no restaurante e falou comigo antes da *churrasca*.

Conto o motivo da minha ida ao hospital e Pernambuco diz que não quer encrenca, que investigação é coisa de polícia, não de pivete. Fala que o caso ainda está fresco e que é melhor esperar a poeira assentar.

— Se Mariana receber alta, a gente não fala com ela nunca mais.

— A gente, não. Veja lá o que diz, Pivetim! Não tenho nada a ver com essa história. O interesse é seu.

— Você me acompanha ou não?

— Semana que vem.

— Que dia?

— Na minha folga. Mas, olha, tem que ser bem cedinho. Quando acabar o expediente, dou um rolê aqui pela cidade e a gente pega o ônibus. Tudo bem?

— E se não for dia de visita no hospital?

— Tu é esperto, pivete. E quem disse que hospital de subúrbio tem dia e hora de visita? Conheço aquilo: é só um pronto-socorro. Se a tal Mariana ainda estiver de molho, deve ficar na enfermaria.

— Não é melhor telefonar pra saber?

— O caso é seu, não meu. Se vai ficar forçando a barra, é melhor arranjar outro pai. Tenho meus filhos, estou fora.

Reconheço que exagerei. Pernambuco me cozinhou por duas semanas. Já começo a pensar que não foi assim tão grave o que aconteceu com Mariana. Talvez ela não tenha precisado ficar no hospital esse tempo todo.

Vou usá-la pra chegar até Carol. E depois? Não importa. Já sei o que fazer.

— Acabou o nosso trato, Pernambuco.

— Que trato?

— Da ida ao hospital. Acabou. Não vou mais.

— É mesmo? Tinha até me esquecido. Agora está pensando como sujeito-homem, Pivetim.

Tremi quando ele disse isso. Passei logo a mão na cara procurando fios de barba. Não achei. Recuperei a calma.

— Mariana já deve ter saído do hospital. Vai ver até voltou pro batente, longe daqui.

— Pois é, quem sabe?


— Vou continuar procurando.


— Se precisar de mim, desde que não seja pra ser seu pai, pode me chamar.

— Valeu, Pernambuco.

Voltei ao Amador. De longe vi quando a *van* encostou. Desceram os quatro faxineiros. Entre eles, Mariana. Quis atravessar a rua e resolver logo o problema, mas de longe “li” quando um dos cozinheiros disse a ela um “sinto muito”. Mariana respondeu “obrigada” e abaixou a cabeça. Se a dor dura até hoje, o que aconteceu naquela noite não foi tão simples.

Vigiei sua chegada mais cinco noites. Na terça-feira seguinte, decidi atravessar a rua pra falar com ela.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

● 43

BARBA

SENTI DE NOITE. Um fiapo de barba bem aqui debaixo do queixo. Será mesmo? Como estava dormindo na cozinha do Adegas, tive a certeza no espelho do banheiro masculino. É barba, sim. Foi a língua maldita do Pernambuco que plantou esse pelo aí? Ou foi dona Alfredina, quando alisou meu rosto outro dia? Sou um sujeito-homem. O que eu faço agora?

Maravilha e Dimba juravam que, se a gente arrancar, a barba vem mais forte ainda. Se rapar um fio, nascem dois. Se rapar dois, nascem quatro. Não estou preparando pra crescer. Não posso virar sujeito-homem agora. Quantos anos eu tenho? Nove e meio, dez e meio ou doze e meio? Sei lá! Se vida de um *de menor* é barra, a de um *de maior* é pior ainda. Você tem que se entender diretamente com os *home*, perde o São Betinho e paga dobrado pelo que faz.

Conto minha grana. É pouca. Ainda custa muito pra chegar lá. Chegar lá é ter grana suficiente pra comprar mercadoria e alugar uns pivetes pra vendê-la na rua. Foi assim que Lia Moura fez fortuna e Chico Preto se segura, com os meninos que vendem bala nos

ônibus. Reconto a grana. Bom mesmo seria comprar um isopor. É a melhor maneira de começar negócio: vender refrigerante, água e cerveja no cais do porto, na rodoviária... É grana garantida, mas não posso fazer nada disso.

Se o português fica sabendo que já sou sujeito-homem, me põe na rua. Dá problema pra ele. Tenho de tirar documentos, caçar rumo na vida. Das duas, uma: ou a gente vira cidadão, ou acaba bandido. No nosso caso, não faz muita diferença, pois precisamos de visto de qualquer maneira, perdemos a moral do mesmo jeito. Filho de quem, pivete? Foi criado na rua, por quê? Por que só agora decidiu virar homem?

Pego uma tesoura e corto o fiapo de barba bem rente à pele. Sangra. Não durmo mais.

● 44

BARBA DOIS

TENHO EVITADO LAVAR O ROSTO pra não achar mais nenhum sinal de barba. Sei do resto, Maravilha me falou. Com a barba, vem o gogó. O pomo de adão, como minha vó dizia. Ela nunca me disse o porquê do nome. Nem Maravilha, que entende tudo, soube responder. Com o gogó a voz começa a engrossar. Tô fora.

Desde que achei aquele fio de barba, risquei minha altura no azulejo da cozinha do Adegas. De vez em quando, encosto na marca pra ver se cresci. Bobagem. Não deve ser da minha natureza crescer muito. Talvez eu vá ficar baixinho e barbudo. Tô fora.

Um dia meu irmão mais velho me mostrou o cartaz de um anão barbudo. Era a principal atração de um circo que apareceu lá no campinho do morro. Todo mundo ia ver o tal anão. A barba se arrastava até aqui, ó, no joelho. Pra mostrar que era de verdade, o anão subia numa escada e pedia que o homem mais forte do respeitável público puxasse a barba dele. Cara louco.

Ele não conhecia Duda Bola, o moleque mais gordo do morro (e também o mais cheio de maldade). Pra vocês terem uma ideia, ele ganhou esse apelido porque,

no campinho, ninguém batia o time dele. O Duda levava a molecada só no corpo. Se jogava em cima, esfolava, quebrava. Parece que tinha nascido gordo só na intenção de esmagar pivete. Até a rapaziada, o sujeito-homem que encarasse o Duda, ia sair no prejuízo. A mãe morreu no parto, o pai o abandonou, o menino foi criado pelos pais e mães dos outros. Só pegou sobra de carinho. Não era o único nessa situação, mas decidiu levar a vida na esfrega. Moleque sinistrão.

Olha só: o anão não conhecia Duda Bola, que se apresentou como o primeiro da fila pra puxar a barba dele. Todo mundo sabia da fama do Duda, mas ficou de boca fechada, na moita. Queriam o terror. Ver o circo pegar fogo. Contam que o anão viu Duda vindo, fazendo tremer o chão do picadeiro, mas não amarelou. Pediu apenas que trocassem a escada por uma caixa de madeira reforçada e ficou lá em cima. Duda Bola armou um salto daqueles de matar pivete e se jogou, na maldade mesmo, dali até a barba do anão. Pendurou, e balançou, e sacudiu, e trançou, e destrançou, e embaraçou, e torceu. O anão, vermelho feito tomate, aguentou a tortura. Todo mundo bateu palmas. No dia seguinte a ambulância cantou a sirene lá embaixo. O malvado do Duda Bola tinha deslocado o queixo do anão.

Coitado. Ficou sem se apresentar por uma semana, mas botou moral. Ninguém no morro duvidou da barba dele. Depois, acho que por vingança, o circo foi embora, mas o anão barbudo ficou morando no morro. Virou padrasto do Duda Bola. Ficaram até famosos.

Um dia a vizinhança se juntou lá em casa e meu pai pôs a televisão em cima da laje, como um cinema pra rapaziada, quando anunciaram:

Um anão fora de série e um gordo sensacional são a principal atração do programa deste domingo.

Fiquei bem na frente da tela e vi quando Duda Bola apareceu. Já não era o cara feioso do morro, estava mais gordo e tinha o cabelo louro. Vestia roupa vermelha, azul e branca e, mais que balançar, fazia trapézio na barba do anão. Fora de série! Torcemos pra que o queixo do anão barbudo fizesse *crec* e o espetáculo acabasse. Que nada! Duda Bola, agora com o nome de Boy King Ball, terminou o espetáculo, pôs o padraço no colo e dançou com ele um *funk* e um pagode, antes de se despedir debaixo de “uma salva de palmas”, como pediu o apresentador.

Naquela noite, todas as mães do morro desejaram filhos louros e gordos. Seria um passo pro sucesso, um passo pra chegar lá.

Nunca fomos olhados com tanto desprezo.

● 45

BIRRO

A POSSIBILIDADE DE FALAR com Mariana parece tão distante... Conto os dias como se contasse, cada manhã, os fios de barba nascendo no rosto. Cortei aquele e não apareceu mais nenhum. Ufa! Depois da barba e do gogó, vêm as espinhas. Tanta coisa me falaram... Na rua, a gente vê e fala tudo sem tempo pra compreender coisa alguma. Barba, espinhas. Sei que pivate vira sujeito-homem como menina vira moça. Mas como é mesmo?

— Na hora tu vai saber.

A resposta é sempre essa. Em que meu pai era diferente de mim? E do Que Fedor? E qual a diferença entre Que Fedor e Amador, entre o português e Pernambuco, Pernambuco e seu Nini?

Taí. Só seu Nini, que passa tanto tempo lendo dentro da banca, pode me explicar algo. Até pensei em perguntar pro Pernambuco, mas ele trabalha comigo, vai me entregar pro português. Amanhã cedo falarei com seu Nini, não posso perder tempo.

Chego. Espero ele folgar um pouco. Peço pra entrar na banca, ele manda aguardar. Vem, olha em volta,

confere se estou mesmo sozinho. Ajeita os óculos no nariz e me manda entrar. Sento sobre uma pilha de jornais velhos. Ele, de lá, me encarando; eu, de cá, sem saber por onde começar.

— Desembucha, Pivetim, não tenho o tempo todo pra você. Fala, anda logo.

— Tô virando sujeito-homem e não sei o que faço.

Saiu. Assim mesmo, na lata. Seu Nini não riu, franziu a testa. Ficou calado me olhando sobre os óculos. Eu o encarei. Ele então mexeu e remexeu umas revistas, uns livros na prateleira.

— Já sabe ler, moleque?

— Sei.

— Então toma.

Ele me deu dois livros.

— Vá. Leia. Se precisar, volte aqui.

Li. Comparei. Agora sei por que meu peito cresceu e dói. Até parei de usar camiseta pra não dar na vista. Pensei que isso só acontecesse com as meninas. Lembro que, quando Carol começou a ficar com peitinhos, a gente adorava tentar acertar as “laranjinhas” dela no campo de futebol lá da praça. Agora entendo de onde ela tirava tanta força pra derrubar a gente e ganhar o jogo. A força vinha da dor. Com sujeito-homem deve ser o contrário: a força vem do prazer. Bem que o Dimba dizia que o birro tem cabeça, mas só usa pra *despensar* o que a gente pensa. Verdade, hoje entendo. Entendo, também porque outro dia, dormindo no colchonete lá na cozinha do Adegas, acordei no meio da noite com

o birro duro e todo molhado. O lençol estava um lixo: melado, com cheiro estranho. A sensação foi boa pra caramba, apesar do estrago no lençol, ruim de lavar. Esfreguei, esfreguei, mas a mancha ficou.

Dilá, a faxineira que ficou no lugar da Mariana e sempre me ajuda a arrumar o colchonete, riu de mim quando falei que tinha despejado óleo no lençol. Pôs a mão na minha cabeça e disse que os filhos dela jogam óleo na cama quase todas as noites. Na hora não entendi, depois a ficha caiu.

Dois dias depois voltei à banca de seu Nini. Não me mandou esperar. Pedi licença.

— Aqui os livros.

— Pode ficar.

— Posso não. Outros pivetes tão vindo aí. Eles também precisam aprender.

O italiano me olhou por cima dos óculos. Devia ser parente de dona Alfredina. Os olhos deles têm o mesmo azul. Os dela brilham no escuro, os dele brilham mais do que o sol.

● 46

MARIANA

MARIANA SALTA DA VAN. Mal põe o pé na calçada, pego seu braço. Não reage, como se esperasse por isso. Não se assusta. Olha pros lados.

— Aqui não, Pivetim. Amanhã cedinho.

Ela fala onde. Repete pra eu guardar e não esquecer nem o lugar nem a hora. Não precisava.

Hoje sou sujeito-homem. Aproveito isso pra contar a vocês quanto Mariana é linda. Muito linda, mas alta demais pra eu me amarrar nela.

Passo a mão no rosto. Eu me lembro do anão barbudo, do Duda Bola, ou melhor, Boy King Ball, e viro a esquina.

● 47

INVISÍVEL

MARIANA ME ENCONTRA NO LARGO. Ficamos em silêncio enquanto o velho dá milho aos pombos. Depois que ele e os pombos vão embora, ela se ajeita melhor no banco.

— Passei uns tempos no hospital. Você sabia?

Faço que sim com a cabeça.

— Você está virando homem e deve saber que a perda de um filho não é fácil pra mulher alguma.

Concordo novamente. Quero ir direto ao assunto, mas ela insiste em contar a história.

— Era meu primeiro filho. Meu marido ficou muito triste. Até hoje não se conforma com o modo como perdi nosso bebê. Mas estamos tentando outro. Quer saber o que aconteceu?

Fazer o quê? Ela segura minhas mãos e fala quase chorando. Estou cada vez mais de saco cheio dessa história da família que tem tudo pra ser feliz.

— Naquela noite, eu mal havia começado a faxinar a cozinha quando meu marido ligou dizendo que viria me buscar. Você estava lá e ouviu. Dispensei então a *van* e ficamos só nós no restaurante. Estava tudo indo muito bem até que alguém bateu na porta.

Ela abaixa a cabeça, aperta minhas mãos com força e chora. E me abraça.

— Chega. Já sei o que aconteceu. Entrou no Adegas uma quadrilha que te espancou. Chutaram tua barrigona. Teu marido viu tudo, pegou o carro, ou a moto, e perseguiu os manos. Depois ele se vingou: despejou gasolina nas caixas de papelão e tacou fogo. Armou a *churrasca*.

— Nada disso, Pivetim. Na última hora, pintou um imprevisto e meu marido não pôde me buscar... Eram cinco pivetes e um tira...

A voz de Mariana vai ficando distante. Com a cabeça a mil, imagino que as coisas ainda poderiam ter acontecido da seguinte maneira: os manos chegaram pra me avisar que já tinham apagado o guardinha. Não sabiam que Mariana ainda estava no Adegas. Pra que ela não abrisse o bico, deram um pau na coitada. O marido ficou observando de longe, porque viu os manos arrastando o guarda. Fizeram a *churrasca* e jogaram o guarda naquele inferno. Na limpeza, pra despistar a polícia.

— Depois chegaram mais uns quatro, ou talvez já estivessem lá fora. Não vi os rostos, não ouvi quem eram, falavam pouco. Pedi licença, não deram. Forcei a barra, fui empurrada contra a parede. Por sua causa apanhei feio, sabia?

Já não ouço mais nada, pensando que também poderia ter sido assim: desde que saiu do berçário, Carol se ligou à turma do Tareco e foi morar com o

bandidão que dá cobertura à molecada da comuna. Como notícia de rua sobe e desce o morro, atravessa paredes, Carol ficou sabendo que o tal guarda tava me sacaneando. Como é minha amiga, resolveu tomar partido. Foi ao Adegas Bar porque sabia que eu estava lá. Não esperava encontrar uma mulher no lance. Mariana era a mulher errada no lugar errado. Carol sentiu ciúme. Exagerou na dose com ela.

— Todos entraram na cozinha, fecharam a porta, me deixaram fora. Quebraram coisas. Aí foi tudo muito rápido. O tira que entrou na frente saiu carregado. Juro que tava morto. Olhei pra dentro, você caído no chão. Tinha mais um, dois corpos... Fiquei na minha. Fazer o quê? A porrada que levei já era um aviso pra continuar de bico fechado — ela insistia no papo, mas minha cabeça tava noutra.

Carol não queria ficar mal com o bandidão, por isso mostrou presença quando me viu. Mandou me apagar; me fechou no cativeteiro pra me proteger, porque sacou quando os manos jogaram o guarda na *churrasca*.

Mariana solta minhas mãos, me empurra, me agri-de, me abandona. Prefere aceitar o que viu e ouviu do que dividir comigo o que vivi e carrego aqui dentro. Não a culpo. É o limite dela, não o meu.

As pessoas vêm, como os pombos. Olham, riem, comem. Falam ao celular, marcam encontros, esbar-ram em mim. Não me veem.

Estou sozinho...

Sozinho? Duvido.
De algum ponto desta cidade, Carol olha por mim.

Rio de Janeiro, São Paulo,
Minas Gerais, Bolívia
2005-2008



DÉLCIO TEOBALDO nasceu em 1953, em Ponte Nova (MG), e desde 1976 mora no estado do Rio de Janeiro. Filho de Maria Luzia, benzedeira, e José Teobaldo, dançador de caxambu e caboclinho, passou a infância ouvindo ladainhas, congadas, fulôs, cantos de calamboteiros e de lavadeiras — ritmos e festas que lhe servem de alicerce e inspiração. Pesquisador de culturas populares, jornalista, etnomusicólogo, documentarista, produtor e diretor de televisão e cinema, é também autor de livros de ensaio, de contos e infantojuvenis como *Isto é coisa da idade*, *Palavra puxa prosa* e *Quatro trancados no quarto*.

FONTES Unit Rounded e Augereau

PAPEL Offset 90 g/m²